

O melhor da viagem é voltar vivo

Dados do Ministério da Saúde confirmam que os acidentes de trânsito são um fenômeno masculino

No dia 9 de janeiro, teve início o programa emergencial do Ministério dos Transportes para recuperar estradas federais em todo o território nacional. No Rio Grande do Sul, serão investidos R\$ 115 milhões. Mas esses recursos estão chegando tarde. Independente de 2006 ser um ano eleitoral, o investimento na malha rodoviária nacional se justifica para atender as demandas de tráfego que, em período de férias, se intensifica levando às estradas tanto motoristas profissionais, quanto motoristas amadores que saem em busca de repouso. Enquanto as reformas não vêm, o melhor é adotar uma direção mais preventiva. Especialistas da UFRGS analisam o que acontece no trânsito das estradas e descrevem medidas para evitar acidentes. Eles também apresentam dados sobre o comportamento dos motoristas e denunciam a verdadeira guerra masculina em que se transformou o trânsito no Brasil. O excesso de velocidade e a desinformação dos motoristas sobre as condições das estradas antes de sair em viagem são apontados como as principais causas de acidentes durante o período de férias. **Página 5**



Dentro de um automóvel, o brasileiro se comporta como se estivesse num tanque de guerra

FOTOS: FLÁVIO DUTRA

Conheça as colônias de férias da UFRGS

Campus Alunos, professores e técnicos da Universidade podem aproveitar parte das férias de verão numa das duas colônias de que a UFRGS dispõe: o Centro de Lazer de Capão Novo e a Colônia de Férias de Tramandaí. Ambos os espaços oferecem opções de lazer para adul-

tos e crianças, sendo que no Centro de Lazer de Capão Novo é possível veranejar com a família num confortável estúdio, com mezanino, churrasqueira individual e ampla área verde. Para quem quer agitação Tramandaí é a melhor escolha: quadras esportivas, sala de jogos e a facilit-

dade de poder fazer as três refeições diárias no refeitório. As colônias funcionam o ano todo, mas para conseguir passar uma temporada durante o veraneio é necessário inscrever-se num sorteio via Internet, realizado anualmente no mês de novembro. **Página 7**

Pesquisadores analisam as praias do litoral gaúcho

Especial As praias gaúchas se resumem a uma longa linha de praia reta, com águas turvas, frias e muito vento. Errado. Para quem está disposto a mergulhar fundo na compreensão de nosso litoral, os geólogos Sérgio Dillenburg e Elirio Toldo Júnior, professores do Cen-

tro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Ceco), do Instituto de Geociências, apresentam uma visão bem diferente. As dunas, por exemplo, que muitos vêem como um incômodo obstáculo, desempenham um papel fundamental na proteção das praias. **Página central**

Paulo Tigre, pronto para os desafios



Perfil Quando foi empossado na presidência da Fiergs, o engenheiro Paulo Tigre, formado pela UFRGS, sinalizou com três palavras sua concepção de trabalho: liderança, representatividade e desenvolvimento. Aos 65 anos, ele se sente em pleno vigor físico e gosta de enfrentar desafios, como conta na entrevista do Perfil, em que se refere também a coisas amenas, como os tempos de estudante e os bailes da Reitoria. **Página 15**

Um índio na presidência da Bolívia

Internacional Os bolivianos elegeram no dia 18 de dezembro Evo Morales, líder do Movimento ao Socialismo (Mas). Depois de 25 anos, esta foi a votação com maior participação: cerca de 84,5% dos cidadãos compareceram às urnas e levaram ao poder pela primeira vez um líder indígena. "Os grandes vencedores destas eleições são os mais de 50 anos de lutas populares na Bolívia", avalia Cláudia Wasserman, doutora e professora da UFRGS. **Página 10**

Exposição de gravuras no Museu

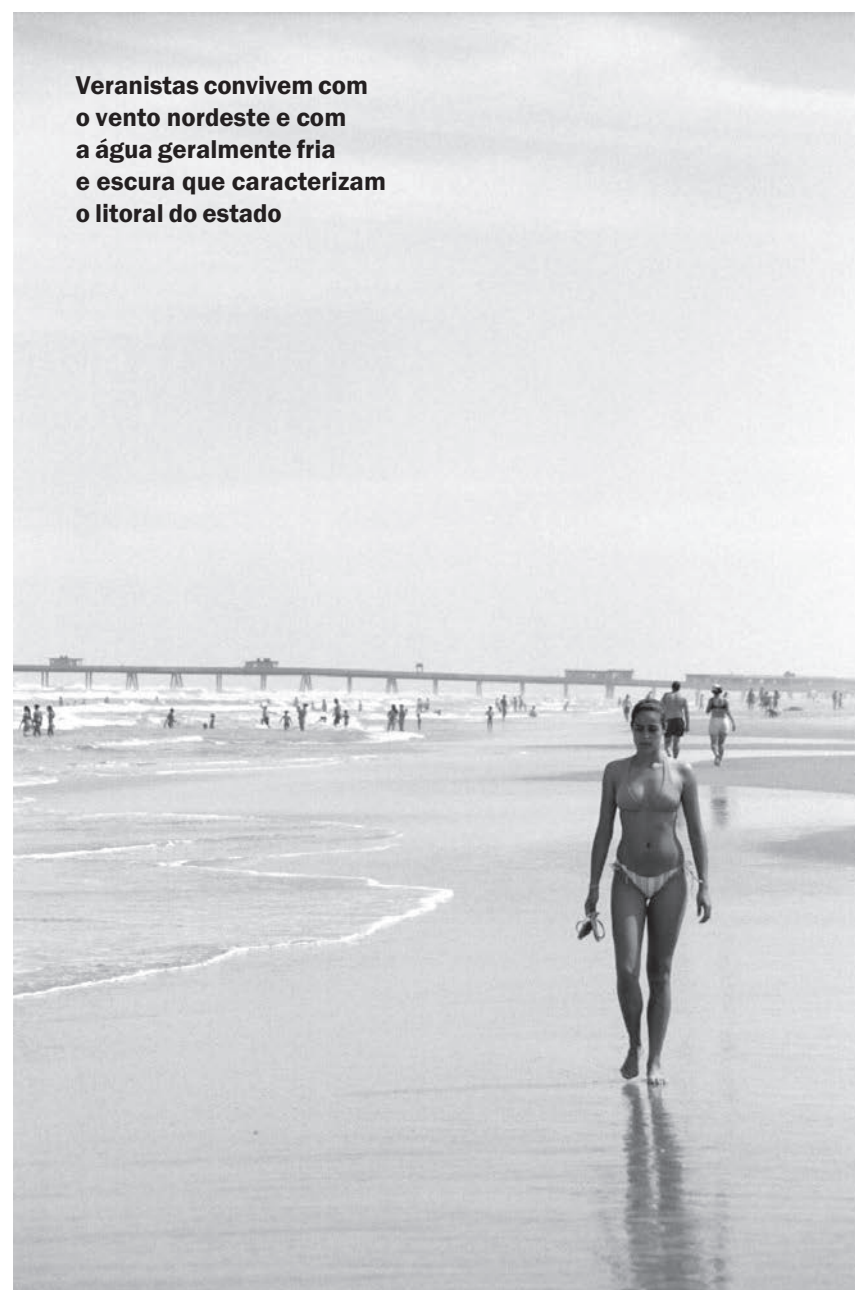
Cultura Até março, o Museu da UFRGS apresenta a mostra *Total Presença*, que exhibe 160 gravuras de artistas gaúchos e nacionais pertencentes ao acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes. A curadora, Blanca Brites, diz que a exposição foi organizada de maneira didática a fim de divulgar a coleção, que é pouco conhecida do público. A mostra conta com a parceria do Circuito Cultural Banco do Brasil. **Página 13**

O envelhecimento assusta mais do que câncer da pele

Ciência O verão está aí. Para enfrentar o calor, as pessoas usam roupas mais leves e cavadas, deixam a pele à mostra e à mercê das radiações emitidas pelo sol. O tom de bronze, tão desejado, leva a longas exposições ao sol, às vezes sem filtro solar ou desrespeitando os horários adequados, apesar das advertências. O dermatologista Humberto

Ponzio, da Faculdade de Medicina, alerta que o excesso de sol causa o envelhecimento precoce e faz recomendações para evitar o desenvolvimento dos vários tipos de câncer da pele. Sílvia Guterres, professora e pesquisadora da Faculdade de Farmácia, ensina como usar os fotoprotetores com segurança. **Página 11**

Veranistas convivem com o vento nordeste e com a água geralmente fria e escura que caracterizam o litoral do estado



Cartas



Muito boa a reportagem sobre empréstimo para idosos (edição 83, capa acima). Um abuso praticado pelas financeiras e que compromete por longo período o já minguado salário dos aposentados. Outro alerta importante é que, muitas vezes, os idosos são vítimas das próprias famílias que, podendo usufruir das “vantagens” oferecidas, os estimulam a fazerem empréstimos a fim de beneficiar filhos ou netos. Exploração sobre a qual os idosos devem ser alertados.

Maria A.V. Moraes
Ex-aluna

Gostaria que o Jornal tratasse de temas como a poluição das fontes de água potável. Ao que parece, a água está se tornando um bem cada vez mais escasso e vários governos da Europa já começam a adotar medidas quanto a seu uso de forma sustentável. O que está sendo feito no Brasil? A UFRGS tem trabalhos desenvolvidos nesta área?

Sérgio Carvalho
Professor de Ensino Médio

Cartas para esta seção:
Jornal da Universidade
Av. Paulo Gama, 110
8º andar, CEP 90046-900
Porto Alegre, RS
e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS



A Colônia de Férias de Tramandaí, no ano de 1963, quando a Rua da Igreja terminava num cordão de dunas

Espaço da Reitoria

Vestibular

Nos próximos dias, a Universidade estará apresentando à comunidade a relação dos 4.212 candidatos aprovados no Concurso Vestibular de 2006. Durante todo o ano de 2005, a Comissão Permanente de Seleção (Coperse) realizou estudos, reuniu bancas, colheu dados, treinou pessoas e montou a estrutura destinada a atender os mais de 40 mil candidatos a uma vaga na UFRGS.

A seriedade com que a Coperse elabora o Concurso Vestibular é equivalente ao rigor com que cada candidato se prepara para disputar uma vaga em um dos 65 cursos de nossa instituição. Evidente que, se levarmos em conta o número de inscritos e o número de vagas oferecidas, observamos uma relação

extremamente tensionada com uma demanda muito grande e uma oferta ainda pequena. A relação desigual é resultante da própria estrutura das universidades federais, mas também da qualidade de nossa universidade. Todos querem fazer sua formação profissional na UFRGS. Ainda não temos condições de atender a todos, mas temos a certeza de atender com competência acadêmica, científica e social àqueles que passam pela etapa do Vestibular.

Novos cursos de graduação foram oferecidos à sociedade neste Concurso Vestibular – Engenharia Ambiental, Design Visual e Design de Produto – dando continuidade a um constante processo de crescimento na oferta de cursos de gra-

duação, que nos últimos dez anos passou de 51 para os atuais 65 cursos. Esse crescimento na graduação estará sendo incrementado em 2006 com novos projetos, alguns deles envolvendo a modalidade de educação a distância – EAD –, proporcionando, assim, aos nossos jovens, mais acesso ao ensino superior público.

Ao parabenizar àqueles que terão seus nomes publicados no listão dos aprovados na UFRGS, queremos transmitir aos candidatos que não lograram aprovação nossa mensagem de incentivo na continuidade pela busca de uma vaga no ensino superior público.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre – RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal, Eduardo Pedro Corsetti, Enno Dagoberto Liedke Filho, Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti Machado, Maria Heloisa Lenz e Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editora-chefe
Ánia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra e Ricardo de Andrade
Ilustrações
José Pedro Bortolini
Revisão
Israel Pedrosa
Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva, Dalva Bavaresco e Fabiane Machnatz Lima
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

Férias são o momento para fazer tudo que não foi feito antes. Será?

Muitos de nós vemos nas férias aquele momento privilegiado para o (merecido) descanso e para realizarmos tudo aquilo que vínhamos adiando em termos de projetos pessoais. Aquela época em que poderemos “colocar as coisas em dia”, sejam elas profissionais ou mesmo de lazer familiar. Mas, quando esse momento chega, muitas vezes, a sensação que fica é ambígua. O tempo parece curto demais, parece que voa. E um sentimento de culpa nos assola e vem tirar nossa tranquilidade. Como a maior parte de nós (professores, estudantes ou funcionários) vivemos correndo para dar conta de tarefas que parecem nunca ter fim, conseguir a transição do trabalho para as férias revela-se, por vezes, muito difícil ou impossível. Ocorre que nossas vidas são excessivamente influenciadas pelo mundo do trabalho e por seus modelos gerenciais, que poderíamos hoje resumir em uma palavra: performance, pois estamos passando de uma realidade taylorista/fordista para uma nova forma de organizar o trabalho, dita “flexível”, “japonizada”, em que o fazer rápido e sem erros é muito valorizado.

Nem sempre é fácil perceber a relação entre esses modelos gerenciais e os nossos cotidianos. As transformações no trabalho vão se dando de forma muito sutil, mas mudam, também, os espaços fora do trabalho. Podemos utilizar um exemplo simples para ajudar a compreender o papel que o trabalho tem sobre o que está fora dele: o uso do relógio de pulso. Até o advento do taylorismo e sua hegemonização sobre o mundo do trabalho no início do século XX, os relógios de pulso

eram “objetos de adorno de moças de fino trato”, servindo para embelezamento e como sinal de ostentação de riqueza. Na época não havia uma necessidade efetiva de ficar-se com um objeto apertado no pulso que pudesse informar-nos constantemente a passagem dos minutos e, pior ainda, dos segundos. Porém, a partir dos estudos sobre tempos e movimentos de Frederic W. Taylor e da separação entre os que pensam o trabalho e os que o executam, os segundos passaram a ter uma existência real. Esses segundos, quando não trabalhados, passaram a ser vistos como os “tempos mortos”, como “poros” da jornada de trabalho, na qual, em um período de trabalho contratado não havia trabalho produtivo. Supremo “vício” a ser extirpado o mais rapidamente possível do processo produtivo! Como essas formas de organizar o trabalho eram absolutamente não naturais, foi necessário, também, contaminar os espaços fora do trabalho, para que a mão-de-obra pudesse estar mais adequada e condicionada a esse “novo mundo”. As consequências sobre a saúde mental das pessoas foram inevitáveis.

Uma das metodologias utilizadas para estudar os resultados das organizações do trabalho sobre a saúde física e, principalmente, psíquica dos indivíduos é a Psicodinâmica do Trabalho. Le Guillant, durante os anos 50 do século XX, realizou as primeiras observações sistemáticas sobre a atividade de telefonistas em Paris, diagnosticando um dis-

túrbio psíquico que chamou de Síndrome Geral de Fadiga Nervosa. Esse pesquisador falava da invasão do espaço privado por hábitos do trabalho, que era caracterizado pela manutenção do ritmo profissional durante as férias, manifestando-se pela sensação de irritação, por uma grande dificuldade para ler em casa e pela repetição incontrolável de expressões verbais do trabalho.

Essas telefonistas quando saíam do trabalho tinham um sentimento de abatimento profundo. Não podiam estabelecer conversações, não suportavam que se lhes dirigissem a palavra. Era freqüente empregarem, por engano, no dia-a-dia, expressões profissionais que lhes vinham automaticamente aos lábios. A mais comum era “Alô, aguarde um instante”, que pronunciavam em múltiplas ocasiões. Ocorria uma verdadeira intoxicação por frases profissionais em 20% dos sujeitos examinados.

Hoje a contaminação dos espaços fora do trabalho não se dá mais pelo modo taylorista/fordista, ainda bastante hegemônicos na realidade brasileira e em boa parte do mundo. O momento é o das “competências” que tiveram origem nas políticas de gestão japonesas. Não é raro observar-se indivíduos usarem palavras como “performance” mesmo para tratar de atividades de lazer. As férias costumam ser planejadas com bastante antecedência e qualquer alteração no previsto provoca reações de frustração e irritação muito grande, semelhantes

Os momentos de lazer, agora, precisam ser performáticos

às que a pessoa teria, por exemplo, pelo não-cumprimento de uma meta de produção. Os momentos do lazer, agora, precisam ser performáticos! Não é mais possível simplesmente “jogar tempo fora”, como se fazia antigamente. A menos que esse “não fazer nada” corresponda a um projeto cuidadosamente planejado anteriormente.

Como é necessária a construção de fortes mecanismos de defesa do aparelho psíquico, com a produção de um grande sofrimento, para que um indivíduo consiga “adequar-se” às novas formas de trabalhar e estar à altura das imposições da organização do trabalho, qualquer tentativa de desmontar-se esses mecanismos (como poderia ocorrer nos períodos de férias) implicaria um novo, sofrido, demorado e, talvez, incerto esforço para sua reconstrução.

Acredito, no entanto, que, apesar de tudo o que foi descrito anteriormente, é importante não pensar-se que há uma inexorabilidade nesses mecanismos. É possível e deve-se buscar estabelecer relações saudáveis com o trabalho e, evidentemente, com os períodos de lazer, como as férias. O trabalho não é apenas fonte de sofrimento, é, também, de prazer. Se tivermos consciência dos mecanismos que estão em jogo nas nossas relações com o trabalho e o lazer poderemos, certamente, construir uma vida mais prazerosa para nós e para as pessoas que convivem conosco.

Álvaro Roberto Crespo Merlo
Médico do trabalho e professor da Faculdade de Medicina da UFRGS



cooperação ■ União Européia

O reitor José Carlos Ferraz Hennemann participa de uma reunião de reitores europeus e latino-americanos entre os dias 18 e 21 de janeiro na Holanda. A reunião realiza-se na Universidade de Leiden e tem como objetivo formular uma agenda sobre cooperação universitária a ser apresentada à IV Conferência de Chefes de Estado da União Européia e da América Latina-Caribe, no mês de abril em Viena, na Áustria. Trata-se de um grupo selecionado de universidades de excelência das duas regiões, do qual participam, além da UFRGS, as universidades federais de Minas Gerais e de Pernambuco, a Universidade Católica de Louvain, Heidelberg, Pádua, Leiden, Coimbra, Genebra, Granada, Salamanca, Nacional de Rosário, Santiago do Chile, Havana e La República (Uruguai), entre outras. O objetivo do grupo é auxiliar na implantação da Área Comum de Educação Superior União Européia-América Latina-Caribe em 2008, que estabelecerá mecanismos de cooperação universitária e a criação de parâmetros comuns em diversas áreas, visando a qualificar a educação superior e fomentar o intercâmbio de estudantes e professores.

educação ■ Vitória de Libras

A Comissão de Educação do Senado aprovou, no final de 2005, o projeto de lei que institui a obrigatoriedade da oferta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em todas as etapas e modalidades da educação básica. Segundo a autora do projeto, senadora Ideli Salvatti (PT-SC), a proposta está embasada nos princípios de Declaração dos Direitos Humanos, segundo a qual as crianças surdas têm direito de acesso ao conhecimento a partir de sua própria língua, ou seja, a língua dos sinais. Sempre se antecipando à realidade, a UFRGS já oferece, desde o ano passado, através da Escola Técnica, o Curso de Libras. Pelo primeiro módulo chamado de básico, já passaram 40 pessoas. Para 2006, a previsão é que mais 80 pessoas passem pelo mesmo processo.

universidades ■ Bancada gaúcha

As universidades federais do Rio Grande do Sul serão contempladas, ao longo de 2006, com recursos provenientes de emendas de bancada, destinados a investimentos em infra-estrutura. Esses recursos, anunciados no final do ano passado, foram aprovados graças ao empenho dos deputados e senadores gaúchos interessados na manutenção do ensino público superior. A aplicação dos valores atenderá a setores que, normalmente, não são beneficiados com verbas destinadas às universidades. Em 2005, já haviam sido liberados recursos oriundos de emendas de bancada para todas as instituições federais de ensino superior e que ainda estão sendo aplicados em seus projetos de desenvolvimento.

Porto Alegre ■ O Guaíba pede socorro



RICARDO DE ANDRADE

“Se não chover significativamente nas próximas semanas, é provável que a cor verde das águas do Guaíba permaneça até abril.” A afirmação é do professor Albano Schwarzbold, do Instituto de Biociências da UFRGS, especialista em ecologia aquática. Ele explica que podem ocorrer períodos de cor marrom e que as causas são a temperatura alta e a falta de renovação da água, que não circula em função do período de estiagem. O fenômeno é provocado pela

riqueza de nutrientes dos esgotos domésticos e industriais que são jogados, sem tratamento, no Guaíba e seus afluentes. Com a junção de todos esses fatores, proliferam algas e cianobactérias que mudam a cor da água e produzem toxinas prejudiciais à fauna aquática e ao organismo humano, podendo causar distúrbios no sistema nervoso e no fígado. Para o professor, a melhor forma de evitar esses problemas é o uso de água mineral. Mas a solução definitiva é o tratamento dos esgotos

que são lançados nos rios, através de uma parceria entre governo do estado e prefeituras. O Jornal da Universidade procurou a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que está fortalecendo a atuação em conjunto com os municípios atráves, especialmente, do Sistema Integrado de Gestão Ambiental. Por meio do Siga, os municípios são capacitados a lidar com as questões ambientais locais. Já há 118 municípios habilitados e mais de 500 técnicos capacitados.

rádio ■ O Brasil da música

Este é um convite para uma viagem musical pelos quatro cantos do Brasil, em dez programas de rádio. A proposta da série Rumos: o Brasil da Música é desvendar a riqueza de ritmos, sons e vozes que caracteriza a diversidade cultural brasileira. Cada um dos programas conta a história de cinco artistas ou grupos: quem são eles, de onde vêm, o que fazem e, especialmente, sua relação com a música. Os 50 artistas ou grupos apresentados foram selecionados entre mais de 1.400 inscritos no programa Rumos Itaú Cultural-Música 2004/2005. As canções populares podem ser ouvidas de 25 a 26 de janeiro, sempre as quartas-feiras, às 11 horas, na Rádio da Universidade, 1080 AM.



O prédio da Rádio da Universidade, em desenho de Joaquim da Fonseca

cursos ■ Instituto de Artes

De 20 a 24 de fevereiro, estarão abertas as inscrições para o Curso de Extensão em Instrumentos Musicais ministrado no Instituto de Artes. As modalidades são piano, violino, viola contrabaixo acústico, canto lírico, flauta doce, flauta transversa, clarinete e violão clássico. A seleção é constituída por entrevista com os professores dos instrumentos e por uma prova prática de execução perante uma banca.



No mesmo período, ocorrem as inscrições para a Oficina de Teoria e Percepção Musical, coordenada pela professora Helena de Souza Nunes. A carga horária é de 45 horas-aula por semestre, sendo o público-alvo composto por pessoas adultas com conhecimentos básicos ou sem conhecimentos musicais, integrantes da comunidade em geral. Informações sobre estes e outros cursos podem ser obtidas pelo telefone 3316.4325.

convênio ■ Brasil e Colômbia

Aumentar o desenvolvimento científico e tecnológico da Orinoquia colombiana e da região sul do Brasil é o objetivo do protocolo de intenções entre a Universidade de Los Llanos, Villavicencio, Colômbia, e a UFRGS, através da Faculdade de Veterinária. A colaboração, aprovada pelo Conselho Universitário, abrangerá acompanhamento, assessoria curricular, de pesquisa e de extensão, execução de programas de pós-graduação dirigidos a professores formados em ambas instituições, e intercâmbio de docentes e alunos.

livro ■ Etnia guarani

A UFRGS, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação, está entregando a primeira publicação do Rio Grande do Sul feita inteiramente em guarani. O Livro da Etnia Guarani contém histórias que são contadas pelos indígenas mais velhos aos mais jovens e que agora estão escritas e ilustradas em sua própria língua. A obra integra o projeto de extensão de Educação Escolar Guarani e tem a participação dos cursos de Educação, Letras e Antropologia. Os mil exemplares editados estão sendo distribuídos nas mais de 20 aldeias do estado, mesmo as que não têm escolas. As pessoas que não são da etnia e desejarem conhecer a publicação, deverão recorrer às bibliotecas da UFRGS e às vinculadas à SEC.

Breves

Extensão

A professora Sara Viola Rodrigues, do Instituto de Letras, é a nova pró-reitora de Extensão da UFRGS. A dirigente é doutora em literatura comparada pela USP e professora da graduação e pós-graduação da Letras. Entre as suas propostas de trabalho estão a ampliação dos projetos sociais e a qualificação do sistema de registro eletrônico dos projetos.

Honoris causa

O professor Milton Lanquintini Formoso, do Instituto de Geociências da UFRGS, recebeu o título de doutor *honoris causa*, concedido pela Universidade de Poitiers, França, em reconhecimento à atividade científica que desenvolve nas áreas de geoquímica e de argilas. A homenagem também destaca a atuação do professor na viabilização de convênios de cooperação Brasil-França.

Circuitos integrados

Marcelo Lubaszewski, professor do Departamento de Engenharia Elétrica, recebeu o prêmio IEEE *Computer Science Meritorious Service Award*, concedido pelo *Institute for Electrical and Electronic Engineers*. Ele foi agraciado pelos trabalhos em Teste de Circuitos Integrados.

TV da UFRGS

A unidade produtora de TV da UFRGS está apresentando dois programas na UNIVTV, canal 15 da NET. O programa “Conhecendo a UFRGS” tem duas edições semanais, nas terças e quintas-feiras, às 21h30min. Nas sextas-feiras, também às 21h30min, vai ao ar o programa “Agenda Universitária”.

Prêmio Zerbini

O trabalho de pesquisa intitulado “Treinamento muscular ventilatório em pacientes com insuficiência cardíaca” conquistou o primeiro lugar no Prêmio Zerbini, categoria pesquisa nacional, concorrendo com 47 trabalhos. De autoria do cardiologista Jorge Pinto Ribeiro, professor da Faculdade de Medicina, e de sua equipe, o trabalho envolveu pacientes com insuficiência cardíaca, uma das maiores causas de internações pelo SUS.

Literatura

O livro “Euclides da Cunha: literatura e história”, da Editora da UFRGS, venceu o Prêmio Açorianos na categoria Ensaio de Literatura. A editora teve nove de suas obras indicadas, no evento que marcou o encerramento das atividades de literatura no ano passado, pela Secretaria Municipal de Cultura.

Incubadoras

A Rede Gaúcha de Incubadoras e Parques Tecnológicos (Reginp) elegeu no mês passado sua primeira diretoria. Ana Flávia Mendicelli, da UFRGS, ocupa o cargo de presidente, e Pedro Oscar Hertz, da Univates, de Lajeado, o de vice-presidente. O objetivo é aumentar o relacionamento e a troca de experiências entre incubadoras gaúchas. Outras informações no site www.incubadoras.com.br.



FÉRIAS, PARA QUE TE QUERO

O objetivo do Debates deste número é analisar um período do ano que determina uma atitude característica dos porto-alegrenses em condições de optar: abandonar a cidade no verão ou ficar aqui para desfrutar de um ambiente temporariamente traquilo?

É isso foi feito a partir de uma espécie de diálogo-a-distância entre dois professores

com opiniões e objetivos opostos em relação às férias e à cidade.

Um, decidido a escapar de Porto Alegre, do calor, da rotina, do chefe, da sogra, do telefone, para se lançar num mar azul-verde-marrom refrescante, ou descansar no verde do campo, ouvindo cigarras e queroqueros, mas que, antes de tudo, precisa definir o que é “descansar”. Outro, que dá gra-

ças a Deus por poder desfrutar de uma cidade “vazia”, com menos tráfego, menos filas, menos atravancamento, menos gente se pechando nas calçadas.

Deu certo. Mais do que isso, deu muito certo: acabou em literatura, em poesia, em filosofia de vida, em desabafo pessoal, que pode muito bem ser repassado ao coletivo. Nas linhas e nas entrelinhas dos textos produzidos

pelos dois convidados desta página está explícita a problemática do sair de férias e viajar em busca de “descanso” e a solucionática do sair de férias e ficar aqui mesmo, desfrutando Porto Alegre, agora com novo sabor limão. Viaje com o professor Paulo Cesar Delayti Motta, da Escola de Administração, ou siga os passos do professor Rogério Malinsky, da Faculdade de Arquitetura.

Eu fico em Porto Alegre

Rogério Malinsky

Professor da Faculdade de Arquitetura

Também, com tela plana, ar-condicionado e teleentregas Porto Alegre é imbatível! Como dizem alguns. E, a minha turma, de tão fanática, diz assim:

– Se é para o bem de todos e a felicidade geral da galera, eu fico!!!

– Se perguntarem por mim, diz que eu fiquei por aqui, com um violão embaixo do braço...

– De tanto que gosto, eu não fico *em...* eu fico *com* Porto Alegre!

Pois é, mas eu mantenho meus hábitos, minha rotina, e aproveito ao máximo, nesta época de calma e tranquilidade, tudo de bom que a cidade sempre nos ofereceu.

Não sou de influenciar ninguém, mas é disso que gosto e faço. Aproveito a fresca da noite e vou à primeira sessão do Imperial (agora com tela Cinemascope, imperdível), na saída, como um sanduíche de pernil no Matheus (dizem que é o melhor do Brasil!) ou para quebrar a rotina, às vezes como um bauru, lá no fundo, com vista para os padeiros, que trabalham toda a noite.

Depois, saio com calma, e pego minha Folha da Manhã, naquela banca que fica oitavada num canto da praça, que a essas alturas já tá cheia de carros e gentes, muitas de moral duvidosa.

Depois, confesso que fico meio constrangido de contar, mas dou uma passadinha no Maipu, pra ver lá uma amiga de confiança, com quem sempre me sinto à vontade. Mas não conto pra ninguém! Porque, senão, lá vem o Ney (Gastal) e o Moacyr (Scliar) com aquela pesquisa psicossocial – ou psicosexual, nunca sei ao certo -, pra saberem se tem ou não tem quartos no Maipu!...

Agora, com mais calma ainda, vou subindo a Rua da Praia e chego a pegar o fechador de vitrines e apagador dos luminosos com aquela imensa argola pendurada no cinto, cheia de chaves, que eu nunca soube como é que ele acerta a chave para cada cortina que vai baixando.

E por tudo isso, a rua vai ficando mais escura, vazia e silenciosa... Na Independência, são os pisos que me chamam mais

Pois é, aproveito ao máximo tudo de bom que a cidade sempre nos ofereceu

atenção: a pedra portuguesa do canteiro central, com postes de lâmpões duplos e as árvores (perna-de-moça: não sei por que, nunca me esqueci do nome dessa espécie) têm na base grades circulares de ferro fundido, dizem, importadas da França, e no leito da rua as pedras polidas pelo uso (nunca digo paralelepípedos, para não interromper a cadência da frase), escuras, deixam os

trilhos dos bondes com a aparência de uns fios de prata que descem fazendo curvas comportadas lombas abaixo.

E, não esqueçam, é verão, a cidade está vazia e é lá também que sopra aquela brisa... é um privilégio, palacetes dos dois lados, palmeiras no canteiro central, agora alargado, e lá no fundo, na boca da Mostardeiro, pra dar um brilho em tudo, tá levantando uma lua que mais parece um queijo amarelo.

Depois de tudo isso, chega a hora do chopinho refrescante, e desço para a Cristóvão. É ali, na esquina da Garibaldi, que está o melhor! Bem tirado, colarinho na medida e bem cremoso, e tem uma vitrine com uma cortina de argolas e pano de renda que dá um toque naquele ambiente aconchegante com pequenos abajures em todas as mesas.

No alto, e bem no meio da vitrine está escrito dentro de um oval de tubinhos coloridos de gás neon: “Alzheimer – o melhor chopp da cidade”.

– Hein?... Já vou!...

Sempre, nesta hora elas me chamam! Nunca sei se é para os remédios ou para uma sopinha gostosa de legumes...

Tirar férias? Que significa isso?

Paulo Cesar Delayti Motta

Professor da Escola de Administração

É sempre assim: entra ano, sai ano e a expectativa das férias, as tão sonhadas férias, se apresenta mais uma vez. E a inexorabilidade das férias leva, inexoravelmente, à inexorável escolha final de onde usufruir tão sonhado, esperado e merecido descanso.

Entretanto, o crucial não é onde descansar; o crucial está ligado a outra questão, que é: o que significa descanso? Efetivamente, a noção de descanso é que vai determinar o que será feito das férias, como será feito, e onde será feito.

Será que descansar quer dizer se afastar do trabalho, muitas vezes rotineiro, repetitivo e, conseqüentemente, monótono; é se afastar dos colegas de trabalho, dos chefes, dos subordinados, aliás, muitos deles verdadeiros chatos-de-galocha, dos clientes, dos vendedores, dos telefones, tanto fixos como celulares, das reuniões intermináveis, nas quais se fazem inúmeros rabiscos e desenhos entremeados de jogos-da-velha, em que se discute tudo e não se resolve absolutamente nada, das programações, dos planejamentos, e tantas outras coisas que compõem a agitada vida organizacional.

Mas será que descansar significa também a oportunidade de se livrar, pelo menos por algum tempo, daqueles sobrinhos, afilhados e, quem sabe, até de alguns netos, que são verdadeiros capetas, pois se fossem parar no inferno, como muitas vezes é ardentemente desejado, o próprio Demo não os agüentaria e entraria em pânico, e acabaria tendo uma in-

As noções de descanso determinam o que será feito das nossas férias

fernal crise de estresse agudo regada a pura adrenalina; ou sair para descansar é aquela oportunidade áurea para se livrar, simultaneamente, daquelas tias velhinhas, queridíssimas e boníssimas, como sempre sói acontecer, mas também cansativas pelas suas ranzinzes e as suas conversas intermináveis com aquele alemão, o Alzheimer; mas, pode ser também uma oportu-

nidade para se livrar de sogras, tanto as boas como as não tão boas, como também daquelas mães supercontroladoras.

As noções de descanso discutidas acima, ligadas a situações de trabalho – e, convenhamos, passamos um terço de nossas vidas nas organizações em que trabalhamos – e de convivência familiar, que ocupa outro terço, já que o último terço passamos dormindo (ainda bem, porque ninguém é de ferro!), determinam o que será feito das férias.

Há que ser, agora, considerada a questão do como será feito esse descansar. Existem pelo menos duas formas de abordar essa situação: a primeira é considerar o descansar como uma atividade para drenar a adrenalina acumulada ao longo do ano e repousar, se dedicar integralmente a um *dolce far niente!* A segunda é, ao contrário, aproveitar esse momento de descanso para romper com a mesmice acumulada ao longo do ano e se dedicar a gerar níveis elevados de adrenalina. Mas, como nada na vida funciona de forma maniqueísta pura, há uma terceira possibilidade, que é conjugar o *dolce far niente* com umas doses esparsas de adrenalina. É, finalmente, essa escolha do “como” que vai determinar onde será efetivamente levado a efeito o descanso. Como vimos, o descansar, pode ser, um empreendimento razoavelmente atribulado, uma vez que há que ser determinado o que será feito desse descanso, como ele será feito, para se poder, finalmente, decidir onde gozar o tão esperado descanso.



Antes de viajar é preciso conhecer o trajeto

Trânsito Especialistas da UFRGS recomendam atitudes inteligentes para combater acidentes no trânsito

Jacira Cabral da Silveira

Na hora de voltar para casa de carro, todo mundo conhece cada curva, o tempo que espera em cada uma das sinaleiras do trajeto, aquele buraco a ser desviado e até mesmo onde colocaram recentemente um contêiner de entulho junto à calçada. Mas ao sair de viagem, ou mudar de destino dentro da cidade, nem tudo é previsível, sendo necessário mais atenção. Considerando que a extensão da malha rodoviária brasileira (federal, estadual e municipal) é de 1.724.924 km, sendo que apenas 9,5 % deste total é pavimentada, o mais recomendável, antes de sair de viagem, é planejar e buscar informações antecipadas sobre o trajeto a ser percorrido.

A recomendação é do professor do departamento de Produção e Transportes da Escola de Engenharia da UFRGS João Fortini Albano: “O motorista de cidade, onde se concentra 80% da população brasileira, está acostumado a uma quantidade maior de veículos e a uma velocidade menor. Na estrada, acontece o inverso”. Como a velocidade é uma das causas mais frequentes na ocorrência de acidentes no trânsito, Albano comenta sobre a necessidade do motorista conscientizar-se das diferenças que existem entre dirigir nos centros urbanos e nas estradas.

Com base em pesquisas, o especialista adverte que uma pessoa não deve ultrapassar uma extensão de viagem além de 160km (ou duas horas) sem uma pausa: “Pára, faz um alongamento, toma um cafezinho, até porque o sono é outro fator de risco”. Agindo desta forma, o condutor pode manter a concentração que, depois de algum tempo, sofre perda significativa de atenção e de reação em situações imprevistas.

Outro estudo citado por Albano tem como fonte a Polícia Civil. Segundo esta pesquisa, o maior índice de acidentes ocorre nos 15 minutos iniciais ou nos 15 minutos finais de uma viagem: “No começo a pessoa ainda não está concentrada, preocupada se fez tudo o que precisava ser feito. Nos últimos 15 minutos, o motorista fica mais relaxado”.

Albano saliente ainda, a importância do respeito às velocidades previstas nos diferentes trechos das estradas. Segundo ele, estes limites são determinados tecnicamente, com base em aspectos como as condições de relevo e do clima. Entre-



O início e o final da viagem apresentam maior risco de acidente

tanto, para o doutor em trânsito, as variáveis como o clima desfavorável e a falta de sinalização, são fatores secundários na ocorrência: “A imprudência do motorista é o fator mais grave. E, dentro deste quesito, a ingestão de bebida alcoólica com excesso de velocidade, dá um péssimo casamento”.

82% dos mortos no trânsito são homens, a maioria entre 20 e 39 anos

Malha rodoviária – Segundo Albano, assim como outros estados brasileiros, o Rio Grande do Sul viveu no século passado um período de grandes construções de rodovias: “É uma quantidade de estradas suficiente para atender o centro de produção e os de demanda urbanas”. Por isso o esforço das administrações hoje em dia é de conservação da malha de estradas: “Estamos tentando qualificar o uso para evitar acidentes e congestionamentos. Queremos promover as

condições para um tráfego seguro e o adequado gerenciamento da manutenção das rodovias”.

Especialistas do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), consideram que uma rodovia em mau estado de conservação representa 58% a mais no consumo de combustível, 38% no custo de manutenção dos veículos, o dobro do tempo de viagem e tende a aumentar em cerca de 50% o número de acidentes. A má conservação de rodovias federais representa um gasto anual de R\$ 1,7 bilhão, devido ao acréscimo dos custos operacionais e do custo com a perda de vidas humanas (78 mil pessoas/ano).

Para Albano, uma estrada em condições implica num planejamento das retas e das curvas; prevendo rotações de modo que a força centrífuga se atenua. A drenagem em perfeito estado de escoamento também pode evitar a formação de lâminas d’água, responsáveis por efeitos de aquaplanagem, motivo de muito acidente. “Se um condutor não reduzir a velocidade ao passar por esses espelhos d’água, vai perder o contato dos pneus com o piso e, conseqüentemente, perderá o comando do veículo.”

Uma guerra masculina

Os acidentes de trânsito causaram, em 2001, a morte de 30.527 pessoas nas ruas e estradas do Brasil, conforme os dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde. Deste total, a maioria dos óbitos ocorreu entre homens, chegando a 24.923 mortes, ou 82% do total de óbitos registrados por esse motivo, em todo o país. A maior concentração destas mortes está na faixa que vai dos 20 aos 39 anos, correspondendo a 44% do número geral de óbitos masculinos.

“Os acidentes de trânsito são um fenômeno basicamente masculino. Prova disso, é a forma diferenciada que as companhias de seguro tratam da questão dando desconto para os veículos de mulheres.” O comentário é de Fernando Seffner, professor na graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. Assim que entrou na Faculdade, passou a fazer parte do Núcleo de Integração Universidade e Escola trabalhando com atualização de professores. Desde seu doutorado, investiga a questão da produção, manutenção e modificação das masculinidades, os modos masculinos de ser.

Ao analisar a questão da sexualidade refletida no comportamento junto ao trânsito, ele chama atenção para o fato de que o sexo feminino desempenha na sociedade uma série de funções de cuidado: “São professoras, enfermeiras, mães”. Já, os homens, não têm este perfil social. Os meninos são preparados para terem uma certa ousadia. Só que, no trânsito, essa conduta passa a ser uma atitude agressiva. Por outro lado, completa o professor, como as meninas são educadas para o cuidado, isso repercute no trânsito: “Elas morrem menos e causam menos acidentes”.

A partir deste enfoque, o pesquisador afirma que é possível discutir a questão do gênero dentro do tema da educação para o trânsito. Ao buscar aprofundar o problema, Seffner descobriu mais de um autor que considera o trânsito

como uma grande guerra masculina em substituição aos combates medievais: “O Brasil nunca entrou em guerra, mas o brasileiro cada vez que entra num carro, sente-se como se estivesse dentro de um tanque de combate”.

Antecipar condutas – Ao estudar as conexões entre educação para o trânsito e cidadania, o grupo de professores do Núcleo analisou a forma como o tema do trânsito ocorre na vida de cada um. Eles deram-se conta de que existiam pessoas que não gostavam de dirigir, preferindo pegar carona ou andar de ônibus, enquanto outras mantinham com seus carros uma relação de apego. Por outro lado, eles também perceberam que se pode conhecer uma pessoa tendo em vista o seu deslocamento, os lugares e situações que vive ao circular pela cidade.

Esta descoberta deu origem a uma atividade empregada nos cursos também junto a crianças. O aluno deve desenhar os diferentes deslocamentos que ele e os membros de sua família fazem. Uma vez reconhecidos os detalhes do trajeto percorrido, o segundo passo é pensar sobre as regras de trânsito necessárias em cada um destes deslocamentos: “Atravesso algum cruzamento que seja perigoso?”.

Isso fez com que as crianças pudessem identificar, por exemplo, que alguns cruzavam um dos mais perigosos trechos para pedestres de Porto Alegre, local de alto índice de atropelamentos, o cruzamento da Silva Só com a Avenida Ipiranga. Seffner também tomou conhecimento de que cada vez que se deslocava pela BR-116, percorria uma das estradas que está entre as oito mais perigosas do Brasil.

“A gente começa a se dar conta de que estas estatísticas que ouvimos acontecem nas ruas que a gente cruza. E, quando percebemos que passamos muito perto de um pedestre, podemos perfeitamente pensar que, por um segundo a mais, esta pessoa teria entrado na estatística.”

O céu pode esperar

É o que diz o texto de encerramento de um comercial de TV sobre o uso do cinto de segurança. Depois de uma colisão, tendo em primeiro plano o interior de um veículo, os quatro passageiros são mostrados desacordados. Na cena seguinte, num efeito especial, os espíritos começam a se desprender dos corpos, fluindo em direção ao céu. A música ao fundo também sugere elevação. De repente cessa tudo, música e movimento. Um dos espíritos interrompe seu desligamento porque o passageiro com cinto recomeça a respirar. Na tela da tevê aparece a mensagem: “O céu pode esperar”.

Para o doutor em Transporte e

professor do departamento de Produção e Transportes da Escola de Engenharia da UFRGS João Fortini Albano, acostumado a pesquisar na Internet e discutir com seus alunos filmes que ilustram tragédias no trânsito, é urgente que os motoristas desenvolvam um sentimento de urbanidade. Segundo ele, o trânsito é um sistema complexo no qual se estabelecem relações entre motoristas, pedestres, veículos e usuários de transporte coletivo, e todos disputam espaço em um meio urbano ou rural limitado. “Nesse contexto impera a lei da selva, onde o maior engole o menor.” Esta urbanidade a que Albano se refere implica o desenvolvimento da consciência de respeito

mútuo como requisito indispensável a um trânsito mais seguro.

Como exemplo da mudança de postura necessária, o professor lembra o uso abusivo de luz alta nas estradas, já que em perímetro urbano é proibido: “Considerando que o olho humano leva sete segundos para reagir ao ofuscamento, quando um motorista, dirigindo a uma velocidade de 80km/h, cruza por outro carro com luz alta, ele vai percorrer 150m em condições precárias de visão”. A situação se agrava quando chove e o pára-brisa fica cheio de gotículas, que funcionam como lentes, transformando-se em pontos de brilho intenso que aumentam o ofuscamento.



Vencedora do Jovem Cientista é da UFRGS

Hematologia Pesquisadora formada em Biologia recebeu bolsa de pós-doutorado e cheque de R\$ 20 mil

Sônia Torres

Ana Beatriz Gorini da Veiga, 29 anos, ganhou o primeiro lugar na categoria Graduados da 21ª edição do Prêmio Jovem Cientista, a maior premiação do país na área de ciências, por iniciativa do CNPq, do Grupo Gerdau, da Eletrobrás/Procel e da Fundação Roberto Marinho. A pesquisa apresentada foi “A síndrome hemorrágica pelo envenenamento pela taturana *Lonomia obliqua*: identificação dos genes e das proteínas envolvidos nos distúrbios de coagulação. Perspectivas de desenvolvimento de anti-hemostáticos e antitrombóticos”.

A pesquisadora estudou o DNA e alguns componentes existentes no veneno da lagarta taturana (*Lonomia obliqua*), que é considerada um perigo invisível no Rio Grande do Sul, devido ao seu veneno, que pode levar à morte. De acordo com estudos, dos 496 municípios gaúchos, 317 registraram ocorrências de síndrome hemorrágica causada pelo veneno da taturana.

Sobre a aplicabilidade da pesquisa, Ana Beatriz afirma que a continuidade dessa investigação pode levar ao desenvolvimento de novas drogas, a serem usadas no combate às doenças cardiovasculares, como trombose, arteriosclerose e hipertensão, além de doenças como o câncer, e também para o desenvolvimento de um tratamento mais adequado para pacientes envenenados pela lagarta.

O prêmio foi entregue pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, em solenidade no Palácio do Planalto. A edição de 2005 teve como tema “Sangue: fluido da vida”, recebendo 1.377 inscrições de todo o país. Dessas, 129 na categoria graduados,

25 para estudantes de ensino superior e 1.196 para estudantes do ensino médio, constituindo um recorde de participantes.

A premiação foi criada em 1981 com o objetivo de incentivar a pesquisa no Brasil, sendo considerada pela comunidade científica uma das mais importantes do gênero na América Latina. Os temas escolhidos são de interesse direto da população e buscam soluções para problemas encontrados em seu cotidiano.

Reconhecimento nacional – Catarinense de nascimento e gaúcha de coração, Ana Beatriz conta que veio para o Rio Grande do Sul ainda pequena. “Minha história na

Estudo do DNA da taturana levará ao desenvolvimento de novas drogas

UFRGS começou indiretamente, por meio de meus pais, que são biólogos e professores aposentados da Universidade”, diz a pesquisadora.

Ela iniciou o curso de Ciências Biológicas na UFRGS, fazendo licenciatura e bacharelado, já com estágio no Centro de Biotecnologia e com bolsa de Iniciação Científica. Segundo ela, foi um intercâmbio nos Estados Unidos, em área voltada para o meio ambiente, que a despertou para os estudos de venenos. Ao retornar, começou a pesquisa no grupo do professor Jorge Almeida Guimarães, do Departamento de Biologia Molecular e Biotecnologia.

No bacharelado, já trabalhava na linha de pesquisa com a *Lonomia obliqua* (taturana), quando

fez um estudo inicial sobre os mecanismos de produção do veneno na lagarta, os tecidos que o estariam produzindo e a maneira como ele é injetado. A investigação consistiu de estudos ultra-estruturais, com microscopia eletrônica e análises histológicas, o que foi um marco na pesquisa com lagartas em geral, incluindo as venenosas. Esse trabalho ganhou o Prêmio Jovem Pesquisador, do XI Salão de Iniciação Científica da UFRGS, de 1999.

Durante o mestrado, realizado também na UFRGS, Ana Beatriz finalizou a parte de análises ultra-estruturais, empreendendo estudos funcionais do veneno, ou seja, a caracterização bioquímica de como ele age na coagulação do sangue, em ensaios *in vitro*, para analisar o plasma humano sob o efeito do veneno. Ela teve sua dissertação publicada em um periódico internacional chamado *Toxicon*, específico da área de toxicologia de animais, plantas e outros organismos venenosos.

No doutorado, Ana Beatriz continuou os estudos em biologia molecular. “Eu queria identificar os genes aparentes durante a fase larval, codificadores da produção de proteínas importantes expressas durante o envenenamento”, explica.

A pesquisa foi realizada nos laboratórios do Centro de Biotecnologia da UFRGS e também nos Estados Unidos, onde trabalhou por dois meses nos Institutos Nacionais de Saúde. Nessa época, Ana Beatriz seguiu com a construção de bibliotecas de DNA complementar e seqüenciamento de genes em massa. A bióloga conta que recebeu convite para continuar a pesquisa por mais um ano, com bolsa sanduíche da Capes, de setembro de 2004 a agosto de 2005.



Ana Beatriz Gorini da Veiga já havia sido premiada no Salão de Iniciação Científica de 1999

Segundo ela, foram obtidos bons resultados, merecendo uma publicação na revista *Gene*, que trata da área de análise genômica funcional e estrutural.

No retorno ao Brasil, Ana Beatriz reuniu todos os estudos que já havia feito, escreveu o trabalho, juntamente com a tese de doutorado, e enviou para o CNPq. “Quando recebi a notícia

do prêmio, pelo presidente do CNPq, fiquei surpresa, pois o assunto era sangue, e estavam inscritos muitos grupos de pesquisa de altíssima qualidade que estudam o sangue e temas relacionados, como os da USP e da Unicamp.” De acordo com a bióloga, o prêmio lhe garantiu maior autoconfiança, em função do reconhecimento nacional.

Dia de Doação arrecada mais de R\$ 200 mil

Patrimônio Campanha de Preservação recuperou cinco dos 12 prédios do conjunto arquitetônico da UFRGS

Jacira Cabral da Silveira

A Campanha de Preservação dos Prédios Históricos da UFRGS encerrou o ano com uma contribuição de R\$ 254.560,00, arrecadada no Dia de Doação, 13 de dezembro. “É mais uma forma de acordar a comunidade”, define o titular da Secretaria de Patrimônio Histórico, Christoph Bernasiuk. Criada há cinco anos, a campanha foi pioneira no Estado e já recuperou cinco dos 12 prédios que integram o conjunto arquitetônico da Universidade, considerado patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, segundo a lei estadual 11.525, de 15 de setembro de 2000.

No Dia de Doação, o reitor José Carlos Ferraz Hennemann e o secretário Bernasiuk receberam em encontro informal os representantes da empresa GKN no Brasil, Edelmair Liedke, diretor de planejamento, e do Banco John Deere, Gilberto Zago, gerente de relações institucionais. Para a recuperação do prédio da Engenharia - Instituto Parobé, a contribuição da GKN foi de R\$ 50 mil. A John Deere destinou R\$ 195 mil para a restauração do prédio da Faculdade de A-

gronomia. Segundo o professor Bernasiuk, mesmo com esses valores a Secretaria ainda não completou o total de verba necessária para a recuperação dos prédios.

Por outro lado, existem aqueles que ainda não foram adotados pela comunidade e carecem de recursos. É o caso dos antigos prédios da Medicina, da Química, do Parobé e do Instituto Eletrotécnico, todos no Campus Centro. O antigo prédio da Medicina, com 9 mil m² de área construída, é o maior do conjunto tombado.

O secretário Bernasiuk informa que o elevado custo das obras deve-se ao alto nível técnico necessário à conservação. “Não é apenas substituir uma porta por outra. Cada detalhe deve ser recuperado. Só trocamos quando se esgotaram todas as possibilidades de restauração.” Além das obras dos prédios da Escola de Engenharia e da Faculdade de Agronomia, está em andamento a do Castelinho, prédio que tem entrega prevista para abril. Devido o adiantado da obra, a pós-gradu-

ação de Engenharia Civil já vem ocupando o espaço.

Contribuintes – A média anual de contribuições de pessoa física à Campanha de Preservação dos Prédios Históricos da UFRGS é de 800 doadores. São atuais e ex-alunos, funcionários e professores, além de moradores de Porto Alegre e de todo o Estado. As doações podem ser feitas através da página da secretaria www.predioshistoricos.ufrgs.br ou diretamente no antigo prédio da Química, Rua Luiz Englert, s/nº, sala 22.

“A universidade deveria receber mais recursos. Contribuir para a recuperação dos prédios históricos é o mínimo que os empresários devem fazer.” O comentário é do ex-aluno da Escola de Engenharia, formado em 1979, Sérgio Alberto Pires da Silva, proprietário da Tecsys Engenharia Ltda, empresa que integra a lista de doadores.

Alberto lamenta a falta de recursos das universidades públicas que, segundo ele, têm laboratórios

sucateados e profissionais desestimulados pela falta de reconhecimento. Para ele, é nestas instituições que estão os melhores alunos, devido à dificuldade de ingresso. Por esta razão, deveria haver a possibilidade do setor privado contribuir também em questões que envolvem a qualificação do ensino. Entretanto, ele descarta a idéia da privatização do ensino público: “Se entregar para a iniciativa privada, não vai dar certo”.

Assim como Alberto, Tatiana Antoniazzi Brugalli e seus dois sócios na Aldeia Desing Ltda, são ex-alunos da UFRGS e contribuem para a campanha. É deles o projeto da página da Secretaria de Patrimônio Histórico da Universidade. “Nosso objetivo foi divulgar ao máximo esta iniciativa tão importante, sensibilizando as pessoas a reconhecer não só o aspecto histórico da campanha, mas também a manutenção de espaços destinados ao ensino.” Para isso, além da página na Internet, eles também fazem anúncios em jornais comerciais como forma de contribuir. “Queremos demonstrar nossa gratidão pelo ensino gratuito que recebemos na UFRGS.”

COMO COLABORAR

Pessoa Física

Pode deduzir 100% do valor doado, no Imposto de Renda Devido na declaração do imposto sobre a renda. O limite para as deduções é de 6% do total do imposto devido.

1. Débito em conta corrente
2. Bloquetos de cobrança
3. Depósito no Banco do Brasil
4. Cheque nominal à Faurgs

Pessoa Jurídica

1. Lei 8-313/91 – Rouanet – artigo 18: Permite deduzir do imposto de renda devido até 4% dos valores destinados a projetos culturais.

2. Lei 11.598/2001 – ICMS: empresas que apoiem projetos na área de Acervo e Patrimônio Histórico Cultural poderão compensar até 95% do valor aplicado no ICMS a recolher. Informe-se na Secretaria do Patrimônio Histórico (Rua Engenheiro Luiz Englert, s/nº, sala 22), telefones (51) 3316-3018, 3316-4216 e 3316-3400.

Saiba como ter veraneio barato no litoral

Lazer A Colônia de Férias de Tramandaí e o Centro de Lazer de Capão Novo são boas alternativas

Dalva Bavaresco e Fabiane Lima

Alunos, professores e servidores da UFRGS, juntamente com seus familiares, podem curtir os dias quentes bem acomodados e sem gastar muito em uma das duas sedes do litoral: a Colônia de Férias de Tramandaí e o Centro de Lazer de Capão Novo.

Fundada em 1958 e com capacidade para até 283 pessoas, a Colônia de Férias de Tramandaí é muito freqüentada durante os veraneios e já faz parte da história de diversas gerações. Para o aluno de Engenharia de Computação Samuel Nascimento Pagliarini, o melhor aspecto da colônia de Tramandaí é a localização, a 350 metros da praia e perto do Centro.

O prédio tem alojamentos nos três andares. No primeiro e no segundo, ficam, respectivamente, as alas coletivas masculina e feminina, com banheiros coletivos e quartos que podem acomodar de seis a nove pessoas em beliches ou trichiles. Para os objetos pessoais, há armários com compartimentos individuais. No terceiro andar estão os apartamentos com banheiro privativo para no máximo sete pessoas, destinados preferencialmente a famílias. Todos têm cama de casal, ventilador de teto, beliche, mesa e, em geral, sacada.

Berços podem ser solicitados. Segurança não é problema. Nunca houve registro de assalto e, durante a temporada, dois seguranças protegem o local à noite. Na portaria, um encarregado faz o controle das chaves. Os veranistas podem ainda levar cadeados de casa para fechar os seus armários. Samuel, que em 2006 passa as férias pelo terceiro ano consecutivo em Tramandaí, afirma que não tem do que reclamar quanto à segurança: "A Colônia é bem preparada nesse sentido. Tem gente 24 horas na portaria". Também ficam protegidos os veículos dos hóspedes, pois há um estacionamento interno.

Diversão – Opções de lazer não faltam. Há uma sala de jogos com mesas de sinuca infantil, adulta e de tamanho intermediário, bem como para ping-pong e fla-flu. Para os apreciadores de esportes, há uma quadra cimentada para basquete, cancha de bocha, campo de futebol e quadra de areia para vôlei. Há ainda um galpão com churrasqueira e, para as crianças, pracinha e piscina infantil. Mas os adultos não precisam ficar com inveja, pois também existe uma pis-

cina para eles. Se os hóspedes preferirem diversões mais tranquilas, podem aproveitar o interior do prédio para assistir televisão, jogar cartas e até mesmo bingo.

No amplo refeitório localizado no térreo, são servidas as três refeições diárias, a preços acessíveis. Terezinha Cardoso Gonçalves, cozinheira da Colônia há 31 anos, conta que a escolha do cardápio é feita conforme os alimentos disponíveis, dando preferência para a variedade. Junto com ela, trabalha Noeli Cunha de Souza, há 21 anos no local e que, além das refeições, também prepara os pães e os bolos caseiros servidos no café da manhã acompanhados por frutas, café com leite ou achocolatado, suco, pão francês, presunto e queijo. Já no almoço e no jantar é oferecido *buffet* livre com uma carne, saladas variadas e pratos quentes, além de sobremesas.

Mesmo quem não está hospedado na Colônia pode fazer as refeições lá. Mas atenção para os horários: o café da manhã é servido das 7h30min às 9h; o almoço vai das 12h15min às 14h; e o jantar, das 7h às 8h30min. Quem tiver fome fora de hora, pode passar no bar localizado no saguão que oferece lanches, bebidas e sorvetes.

Privacidade – O Centro de Lazer de Capão Novo, muito freqüentado por famílias que buscam um local tranquilo, foi inaugurado em 1988. Seus estúdios mobiliados oferecem maior privacidade e comodidade aos visitantes, que só precisam levar roupa de cama.

Os doze estúdios têm cozinha equipada com frigobar, pia, fogão, mesa, além de armário e sofá-cama. Também estão à disposição utensílios de cozinha, já que os veranistas são os responsáveis pela própria alimentação. No quarto, localizado no mezanino, tem cama de casal, beliche, ventilador de teto, bidê e prateleiras para guardar roupas. Na parte inferior, além da sala e da cozinha, há ainda um banheiro e uma pequena área com tanque, varal e churrasqueira. Mas, se a idéia for preparar um churrasco menos reservado, o hóspede pode optar pelo espaço à disposição no quiosque do Centro, que além de churrasqueira dispõe de *freezers* e mesas.

Com formato de um L, as instalações têm em seu centro um amplo salão de recreação em que se pode jogar sinuca, pingue-pongue e fla-flu, e assistir à televisão. Para divertir as crianças, o pátio tem uma pracinha. E se o vi-



Na Colônia de Tramandaí há uma completa estrutura de lazer, que inclui restaurante, piscinas e canchas esportivas

FLÁVIO DUTRA

As instalações podem ser utilizadas fora do veraneio

RICARDO DE ANDRADE



O Centro de Lazer de Capão Novo dispõe de ampla área verde com playground

sitante desejar amenizar o calor do verão refrescando-se na água, sem precisar deslocar-se até a praia, um pouco distante, terá ainda a possibilidade de aproveitar a piscina para adultos, muito bem tratada por um funcionário especialmente contratado durante a temporada.

A segurança fica a cargo do zelador do Centro, para quem o cercamento da área e o fechamento dos portões inibe as tentativas de furto. Os hóspedes consideram o ambiente muito agradável e, freqüentemente, se reúnem para tocar violão, conversar e até mesmo observar os animais que às vezes passeiam pelo local, como lebres, tuco-tucos, quero-queros e corujas.

Trata-se de espaço de convivência, é importante respeitar os demais usuários: em ambas as colônias o horário de silêncio inicia às 23h e vai até às 7h. Além disso, o veranista é responsável pela limpeza do local e precisa devolver o alojamento nas mesmas condições em que lhe foi entregue. A estada, com duração de onze dias, inicia a partir das 17h e encerra às 14h do último dia. A presença de animais não é permitida em nenhuma das colônias, e esta é uma desvantagem apontada por Ricardo de Andrade, servidor da UFRGS que

há doze anos aproveita a colônia com a família: "Sempre vou com mulher e os dois filhos, mas preciso deixar a *poodle* com alguém".

Funcionamento e inscrições – As colônias de férias funcionam o ano inteiro. Fora da temporada, grupos podem agendar hospedagem. São estas visitas que garantem o sustento dos espaços após o verão, já que há nove anos não são repassadas verbas federais. Para que as sedes fiquem à disposição o ano todo é necessária a dedicação de funcionários que moram lá e zelam pelo patrimônio. Edison Luís Bica, juntamente com sua esposa Patrícia, cuida da Colônia de Tramandaí há três anos. Ele já trabalhou em Capão Novo, que agora está sob a responsabilidade do casal Idelbrando e Ana de Moraes. Eles moram lá, com o filho Marcos. Leonel Brás Oliveira é o administrador das colônias em Porto Alegre, com a ajuda de Luís de Oliveira Paladino responsável somente pela sede de Tramandaí.

Os interessados em passar uma temporada numa das colônias precisam ficar atentos, pois o processo de seleção é feito em novembro. Para se inscrever, basta preencher a ficha disponível na página da UFRGS e depois torcer, pois a seleção é através de sorteio. A seleção

para a temporada de 2006 foi a primeira feita através desse sistema, pois antes era realizada por ordem de inscrição.

O preço baixo é um atrativo: a diária de um alojamento coletivo em Tramandaí é de R\$ 4 por pessoa; nos apartamentos, os preços variam de R\$ 16 a R\$ 24, independente do número de ocupantes. Já em Capão Novo, a diária dos estúdios com seis lugares custa R\$ 27.

Colônia de Férias da Assufrgs

Os servidores têm mais uma opção para aproveitar o verão: a colônia de férias da Assufrgs, localizada em Garopaba, Santa Catarina. Para usufruir, também é necessário concorrer às vagas através de um sorteio, mas só podem participar os funcionários da UFRGS e da FFFCMPA filiados ao sindicato no mínimo três meses antes da data do processo de seleção. Os usuários podem ficar acomodados nos apartamentos ou então em baracas e desfrutar das vantagens oferecidas, como proximidade do mar, pracinha, sala de TV e churrasqueira.

REPRODUÇÃO / LANDSAT TM7 BANDAS 543 / EARTH SATELLITE CORPORATION 2004 / NASA



Descobrimo as praias do Rio Grande do Sul

Geologia marinha Professores da UFRGS explicam por que devemos olhar com mais atenção o litoral

Ânia Chala e Ademar Vargas de Freitas

O litoral do Rio Grande do Sul é considerado por muitos como sem graça, por apresentar uma costa quase retilínea com poucas variações, mar frio e agitado de coloração marrom e a constante presença do vento nordeste. Embora, neste início de veraneio de 2006, a forte onda de calor que assola o estado e a predominância de uma corrente de água quente tenham mudado esta paisagem, no geral o litoral gaúcho é mesmo muito diferente das demais praias brasileiras. No entanto, pesquisadores da UFRGS ligados ao Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Ceco) provam que o senso comum está equivocado: a costa gaúcha tem características, como a forte interação com o sistema lacustre, que a tornam excepcional frente às demais regiões litorâneas do Brasil.

O professor Sérgio Dillenburg, que há 21 anos se dedica ao estudo da geologia marinha, afirma que a idéia de uma paisagem litorânea monótona, repetindo-se ao longo dos 630 quilômetros de costa, era aceita até mesmo na área da Geologia Marinha. “Hoje, reconhecemos que a nossa linha de costa é suavemente ondulada e realizamos coletas de amostras, que permitem a interpretação do que chamamos de estratigrafia, isto é, o estudo da organização das camadas da terra para a interpretação das transformações nos ambientes físicos da planície costeira”, esclarece.

Ao analisar as principais características geológicas do litoral, o professor afirma que há um marco cronológico no entendimento de como se formou e evoluiu a planície costeira nos últimos seis mil anos. Esse marco existe em função dos diferentes estágios pelos quais passou a pesquisa dessas áreas no Rio Grande do Sul. Segundo ele, nas décadas de 80 e 90, o professor Jorge Alberto Villwock – hoje aposentado –, em parceria com o professor Luiz Tomazelli e com o apoio do grupo que compunha a divisão de Geologia Costeira do Ceco, desenvolveu um mapeamento geológico superficial da planície costeira sem precedentes no Brasil. Esse estudo serviu de base para os trabalhos de detalhamento que foram intensificados em meados da década de 90.

Avanços e retrocessos – Dillenburg, que ministra a disciplina de Evolução Costeira nos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto de Geociências, revela que, em alguns pontos da costa gaúcha, existe um processo de transgressão marinha, um deslocamento da linha de costa ou do nível do mar no sentido do continente. Em outras palavras, a faixa de areia está diminuindo. O geólogo salienta que, em outras regiões litorâneas, ocorre o processo inverso, a regressão marinha, em que há deslocamento da linha de costa ou do nível do mar no sentido do mar, isto é, a faixa de areia está aumentando. “Temos um processo de ampliação da faixa de areia, ou de regressão, entre Torres e Tramandaí. De Tramandaí até a região do Estreito, ocorre o contrário, a faixa de areia está diminuindo, numa transgressão marinha. Entre o Estreito e o farol de Verga, que fica na altura da região do Taim, nova regressão; e entre o farol de Verga e o Chuí, outra transgressão marinha”, explica o professor.

Dillenburg observa que a constatação dessas mudanças mostrou que as variações do nível do mar desempenhavam um papel secundário no controle da evolução costeira, pois nos últimos cinco ou seis mil anos, o nível do Atlântico permaneceu praticamente estável.

Portanto, o controle maior da evolução costeira passou a ser determinado por processos que definem a quantidade de areia disponível no sistema costeiro.

Esse sistema, de acordo com o geólogo, engloba o cordão de dunas e a barreira arenosa costeira, situada no trecho que separa a laguna dos Patos do oceano Atlântico. Um dos trabalhos da equipe do Ceco é justamente a identificação do balanço de sedimentos, isto é, das quantidades de areia que entram e saem da barreira arenosa costeira. “Se num determinado segmento, com o nível mar estável, entrou mais areia do que saiu, é como se estivéssemos aterrando essa área. Conseqüentemente, a linha de costa aumentou.” Tal fenômeno caracteriza a região entre o Estreito e o farol de Verga, que engloba a Estação Ecológica do Taim, a parte norte da lagoa Mirim e a praia do Cassino.

Por outro lado, salienta o pesquisador, entre o farol de Verga e o Chuí ocorreu um balanço negativo de sedimentos, o que significa que mais saiu do que entrou areia. Existem setores, como a região de Bojuru e do farol da Conceição, no litoral médio do estado, onde não é mais possível a distinção entre laguna, barreira e oceano.

Os molhes de Rio Grande são a causa da erosão costeira em São José do Norte

Alterações do ambiente

– Conforme Sérgio Dillenburg, a região de Rio Grande é um dos locais do litoral em que houve maior interferência humana, em função da necessidade de fixação da desembocadura da laguna dos Patos para facilitar a navegação. A instalação dos molhes,

que se projetam entre três e quatro quilômetros mar adentro, representa uma barreira física ao trânsito litorâneo de sedimentos. “O estoque de sedimentos, que vai definir um balanço positivo ou negativo, se dá principalmente em função do transporte litorâneo das correntes junto à costa. Se é construída uma barreira física, esse trânsito de sedimentos é afetado”, explica o pesquisador.

Estudos feitos pela Fundação Universidade de Rio Grande (Furg) confirmam que, numa faixa de dezenas de quilômetros ao sul de Rio Grande, a linha de costa sofreu um processo de regressão marinha em função da retenção das areias. Dillenburg esclarece que as areias deslocam-se na maior parte do tempo de sul para norte e que a areia retirada ao sul faz falta ao norte dos molhes. Essa é a razão pela qual a área ao norte da desembocadura, na região de São José do Norte, sofre um problema de erosão costeira em decorrência da ação das ondas e da reduzida quantidade de areia.

Outro exemplo de menor impacto é representado pela fixação da desembocadura de ligação entre a laguna de Tramandaí e o oceano. Ao norte dessa desembocadura foi construída uma guia-corrente, com o alinhamento de grandes pedras destinadas a fixar a desembocadura, que tinha tendência a migrar para o norte em função da deriva litorânea. Essa migração dificultava a movimentação das lanchas de apoio aos petroleiros, que descarregam no terminal da Petrobras. A construção da guia-corrente também favoreceu à pequena indústria pesqueira da região, que sofria muitos naufrágios. Entre 1980 e 2000, cerca de 20 pessoas perderam a vida na movimentação de embarcações ao longo do canal.

ENTENDA



Água

Existem duas correntes ao largo da costa brasileira: a corrente das Malvinas, que traz águas geladas da região antártica é rica em nutrientes, apresenta uma coloração escura e se desloca de sul para norte; e a corrente do Brasil, que se desloca no sentido norte-sul, e carrega águas quentes e pobres em nutrientes. A região de convergência dessas duas correntes não é fixa e depende das características oceanográficas globais, mas fica localizada entre o sul do Uruguai e o norte do Rio Grande do Sul. Deste modo, nosso litoral situa-se exatamente numa zona de transição em que se alternam períodos de águas mais turvas e frias com águas quentes e mais atraentes para o uso da praia como atividade de lazer.

Dunas

Dunas são reservatórios de areia que se formam naturalmente ao longo do litoral pela ação das ondas e dos ventos e funcionam como um reservatório de areia para a praia. Se a praia tem déficit de areia, a duna fornece material, recompondo a praia. É um sistema importantíssimo de proteção do litoral. Outro aspecto relevante das dunas é que elas se constituem num ecossistema em que vivem animais e plantas, como o tuco-tuco, aves, insetos e gramíneas. Além disso, são excelentes reservatórios de água doce.



Rebentação

Dentro da faixa de praia, existe uma zona de quebra da onda, quando aparece a espuma. O primeiro ponto de quebra ocorre quando a onda tropeça numa parte mais rasa e quebra. Como as ondas que incidem sobre o nosso litoral têm muita energia, o primeiro instante de quebra não dissipa toda a energia. Então, a onda se reforma e quebra novamente, três quatro vezes ainda, até se dissipar sobre a linha d'água.

Repuxo

A linha d'água corresponde à linha de espraiamento da onda. Quando a onda avança sobre a areia, desloca um grande volume de água. Ao retroceder essa água forma o que chamamos de repuxo. Então, quanto mais alta for a onda, maior será o repuxo. As bandeiras de sinalização nas cores vermelha e preta caracterizam as situações de perigo e estão associadas à altura das ondas e, conseqüentemente à força do repuxo.

FOTOS: FLÁVIO BUTRA



Colaborando na proteção das praias, as dunas são reservatórios de água doce e servem de abrigo para animais e plantas



FLÁVIO DUTRA

Dados indicam que há uma variação relativa do nível do mar no sentido de uma subida, associada a questões climáticas do planeta e à movimentação da crosta continental

Pesquisadores avaliam a segurança nas praias

Um dos projetos que se desenvolvem no Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica (Ceco), é estudo da segurança dos banhistas, milhões de pessoas que, durante o verão, se revezam na ocupação do litoral sem conhecer os perigos que a praia esconde. O professor Elírio Toldo Júnior, geólogo do Instituto de Geociências, explica que o litoral tem dois comportamentos distintos, um durante o inverno, outro durante o verão. No verão, as ondas são mais baixas, o que faz com que os buracos e canais se formem mais próximo à beira da praia. No inverno, o perigo maior é a altura das ondas, porque os canais que elas cavam ficam mais distantes da praia.

O professor Elírio atua na área de Sedimentologia na graduação e na área de Geologia Marinha na pós-graduação. No Ceco, trabalha com projetos, que resultaram em diversos modelos de como funcionam nossas praias.

“Esses canais são verdadeiras armadilhas”, diz o geólogo. “Eles se desenvolvem paralelamente à praia e formam correntes muito fortes, conhecidas como correntes litorâneas, capazes de arrastar pessoas. Essas correntes também abrem canais que as levam para o mar aberto e são as mais perigosas. Isso vale tanto para o mar quanto para as lagoas.” Ele alerta os banhistas para que só entrem no mar até o ponto em que a água chegue ao nível da cintura.

O trabalho de educação para a segurança das praias é feito em parceria com o Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH), juntamente com o professor Luiz Emilio Sá Britto de Almeida. Com os dados disponíveis, foi elaborado um folheto com informações ao banhista em linguagem acessível.

O diretor do Ceco, o geógrafo Nelson Gruber, informa que neste verão já foram feitos contatos com os integrantes da Brigada Militar e com as prefeituras de Xangri-lá e Capão da Canoa para a distribuição desse material aos veranistas. Quem tem acesso à Internet pode baixar a íntegra do folheto no endereço www.ceco.ufrgs.br

Segundo o professor Elírio, o IPH também colabora no monitoramento da linha de praia ao longo de todo o litoral. Desde 1967, a linha d'água do litoral gaúcho, de Torres até o Chuí, é percorrida anualmente numa camionete Toyota equipada com GPS (sistema de posicionamento global). Em seguida, o resultado obtido é cotejado com o que se verificou em anos anteriores, registrando os locais em que a praia é estável, comparado com locais em que ocorrem deslocamentos da linha d'água, mar adentro ou terra adentro.

De modo geral, em mais de 80% do litoral gaúcho ocorre o fenômeno da erosão. Feliz-

mente esse fenômeno é mais acentuado nos trechos em que não existe urbanização. Então, não se constitui num problema social. Mas já se registrou uma queda de farol, como o Farol da Conceição, e outros problemas, como o recuo da praia no balneário de Hermenegildo, destruindo casas.

Danos ambientais – Além do processo natural da erosão, existe a ocupação inadequada das dunas. As construções devem estar bem afastadas da faixa de praia, o que não aconteceu com os quiosques, que agora estão sendo retirados.

O litoral do Rio Grande do Sul tem uma faixa de areia com continuidade, formado ao longo do tempo pelo acúmulo de sedimentos do continente trazidos pela água da chuva, pelo rio Jacuí e pelo rio Camaquã, através da laguna dos Patos, e também pelo rio da Prata. Dispomos assim de um grande estoque de areia e de lama ao longo do litoral, o que o torna diferente de outros litorais do Brasil e do mundo.

Para compreender esse processo, temos que levar em conta a posição do nível do mar. Hoje temos uma situação de nível de

mar alto, que afogou o nosso litoral e interiorizou os deltas. É por isso que o delta do Jacuí está sendo construído pela natureza dentro da Planície Costeira. Se houvesse uma situação de nível de mar baixo, o rio Jacuí drenaria a Planície Costeira e alcançaria o mar diretamente. Em épocas

passadas, o delta do Jacuí era construído diretamente sobre a praia oceânica, assim como vinha sendo construído o delta do Camaquã e o delta do rio da Prata.

O delta do Jacuí, em frente a Porto Alegre foi construído nos últimos 8 mil anos, mas o sistema de drenagem existe há pelo menos 100 milhões de anos. “Imagine, quanto sedimento foi lançado diretamente no mar ao longo desse período, quando ainda não tinha se formado a laguna dos Patos, com a elevação da barreira arenosa que a separa do oceano”, admira-se o geólogo Elírio Toldo. “Atualmente, essa península está em processo de erosão, tanto pelo lado do mar quanto pelo lado da laguna. Há mais sedimentos sendo retirados do que depositados. Não sabemos como isso vai evoluir, depende do comportamento do nível do mar, se vai baixar ou vai subir. Daí a importância da medição que fazemos da linha d'água.”

Mapeamento do litoral – O professor diz que existe um estudo bastante completo sobre como ocorreu a sedimentação do litoral do Rio Grande do Sul, principalmente nos últimos 20 mil anos, e que é possível associar esses

estágios de sedimentação com as variações relativas do nível do mar, cuja posição está bem marcada. “Há 18 mil anos, quando a Terra passava pelo final de um estágio glacial, o nível do mar estava a menos de 100 metros da atual cota. Dessa época até agora, o nível do mar subiu gradualmente. Hoje estamos discutindo qual a tendência do nível do mar para o futuro. Continuará a subir ou não?”

Alguns indicadores mostram que a tendência do nível do mar é continuar subindo. Marégrafos instalados em Montevideu e em Punta del Este, no Uruguai, e em Imbituba, Santa Catarina, indicam que há uma variação relativa do nível do mar no sentido de uma subida. Essas variações estão associadas a questões climáticas do próprio planeta e à movimentação da crosta continental.

“Mas nunca sabemos exatamente se é o nível do mar que está subindo ou se é o nível do continente que está baixando. A suposição que se faz hoje é de que a variação relativa é positiva, pois está havendo um descenso da área continental. São discussões que desenvolvemos aqui no Ceco”, informa o geólogo.

Elírio Toldo Júnior aponta questões importantes ligadas às praias do litoral do Rio Grande do Sul. “Entre Torres e o Chuí existe um grande movimento de sedimentos produzidos por ação das ondas e correntes. Temos estudos sobre essa movimentação, verificando os trechos do litoral onde ela é mais intensa e aqueles em que há maior acumulação e deposição de sedimentos.”

Em função disso, foi possível mapear áreas do litoral que têm fortes processos erosivos, com recuos pronunciados da linha de praia, de mais de 100 metros. O professor diz que esse é um processo recente e que, por sorte, esse fenômeno se verifica em locais menos urbanizados. “Um desses trechos é o que vai de Cidreira a São José do Norte. Temos mapeado essas áreas e verificamos que prevalece o fenômeno de erosão. Pode ser que isso se reverta, se for alterado o padrão de circulação das correntes e ondas.”

O Instituto de Geociências também desenvolve estudos sobre a sedimentação das lagoas e tem investigado o aumento da taxa de assoreamento dessas lagoas em função do mau uso do solo na agricultura. “O Guaíba e a laguna dos Patos, que drenam toda a metade leste do estado, são os corpos d'água que mais recebem cargas de sedimento. Desde que completou seu último estágio de formação, 8 mil anos atrás, a laguna dos Patos vinha acumulando sedimentos de forma natural a uma taxa de menos de meio milímetro por ano. Mas, nos últimos 100 anos, período associado à ocupação do Estado e ao desenvolvimento da atividade agrícola, essa taxa de sedimentação passou para 3 milímetros por ano.”

Um Centro sempre aberto à comunidade

Desde o final dos anos 70, o Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar), órgão vinculado ao Instituto de Biociências, atua no Litoral Norte. Localizado às margens da laguna Tramandaí, no município de Imbé, o Centro desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, em especial cursos para professores. Segundo a diretora do Centro, professora Norma Würdig, a maioria dos cursos oferecidos atendem prioridades apontadas pelas secretarias de educação dos municípios da região e têm servido para colocar num outro patamar o nível de conhecimento e atualização das professoras da região. Durante o período de veraneio, o Ceclimar (foto abaixo) realiza oficinas, minicursos e trilhas ecológicas, que são oferecidas ao público infantil com o objetivo de formar consciência ecológica. “Ensinar a criança a enxergar seu entorno, observar processos, estabelecer relações, analisar situações é muito importante e pode ser feito em meio a atividades de recreação e brincadeiras, que lhes dêem satisfação, especialmente nos períodos de férias. Com o tempo, saberão fazer suas escolhas, discutir e tomar posições sob o ponto de vista da solidariedade, da preservação de nossos bens naturais, da cidadania”, diz a professora. O Centro promove essas atividades ao longo de todo ano, bastando escolas e outras entidades sociais fazerem um agendamento.



EBSON LUIS SOUZA DE ARANJO

Programação de verão

Até 24 de fevereiro, o Ceclimar estará desenvolvendo uma programação intensa, com a participação de bolsistas e o apoio da Pró-Reitoria de Graduação, juntamente com o Laboratório de Estudos em Educação a Distância. O programa *Férias divertidas no Ceclimar* inclui oficinas variadas em áreas da biologia e educação ambiental, física, astronomia e geografia (foto abaixo). A novidade é o uso dos microcomputadores do Laboratório de Informática do Centro e de câmaras fotográficas digitais, disponibilizados aos alunos sob orientação dos monitores. Nos blogs *Boto*, *Siri azul* e *Céu e mar* as crianças selecionam as fotos de seu interesse e deixam suas impressões sobre as oficinas realizadas, e o material fica armazenado na rede. Ao avaliar as atividades já realizadas, Norma Würdig considera o grande entusiasmo infantil. “Crianças de centros de apoio pedagógico de Imbé, que nunca tiveram contato com o microcomputador, rapidamente se familiarizaram e deixaram seus registros”, diz ela. A atividade *Ceclimar vai à praia* também já é sucesso e se desenvolve numa tenda à beira do mar. Para observar ao microscópio pequenos animais marinhos, coletados no local, e ouvir as explicações, as crianças e os próprios pais disputam espaço. Para saber mais sobre a programação *Férias divertidas no Ceclimar* basta acessar o endereço <http://www.ufrgs.br/ceclimar/>.



EBSON LUIS SOUZA DE ARANJO



Bolívia elege seu primeiro líder indígena

Cidadania A participação na eleição presidencial mobilizou mais de três milhões de cidadãos bolivianos

Jacira Cabral da Silveira

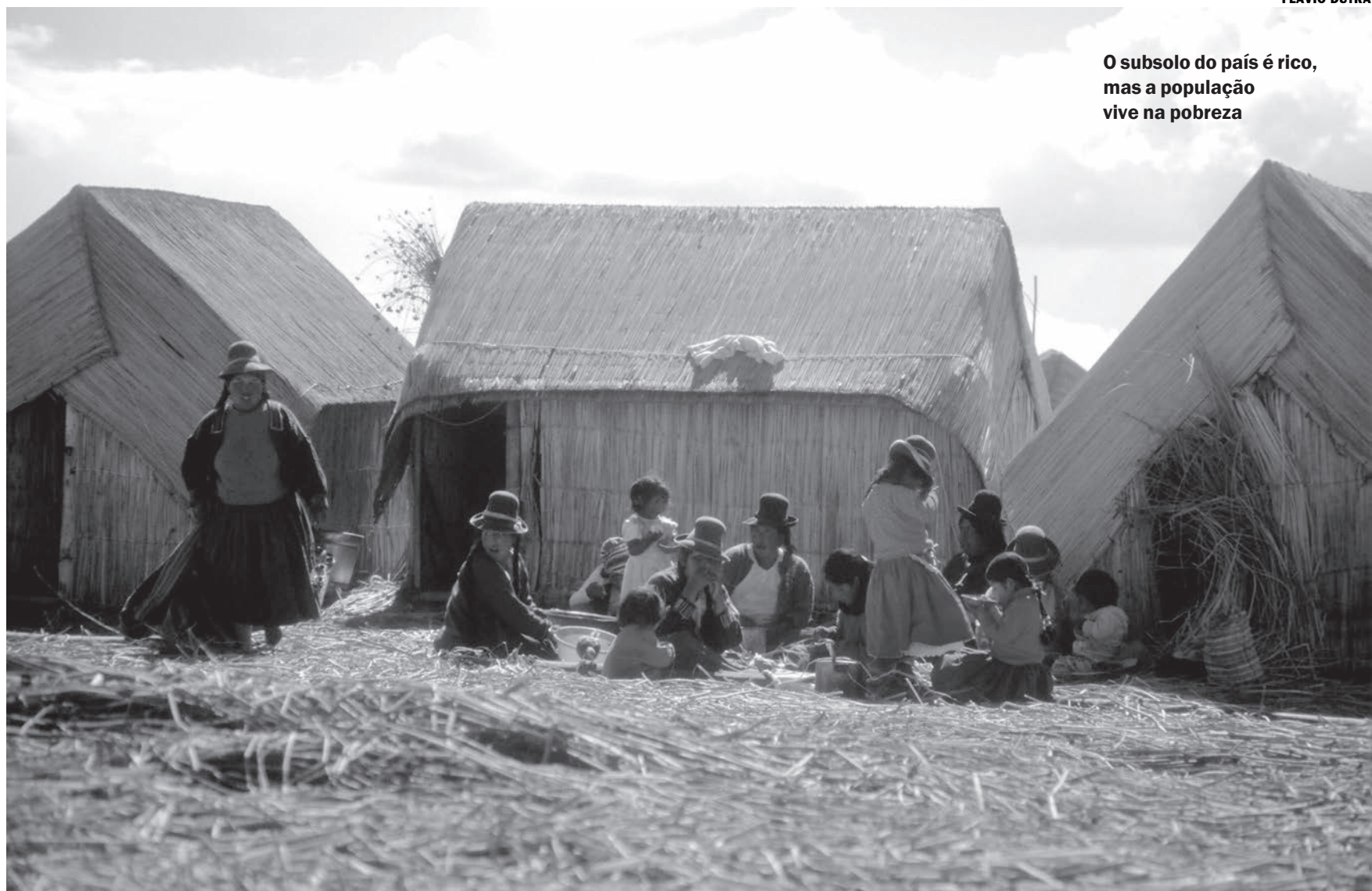
Numa participação recorde nos últimos 25 anos, 84,5% dos cidadãos bolivianos compareceram às urnas no dia 18 de dezembro para eleger seu novo presidente. Evo Morales, o líder do Movimento ao Socialismo (Mas), venceu o pleito com 1.543.776 dos votos, 53,7%, seguido do ex-presidente Jorge Quiroga, chefe do Poder Democrático Social (Podemos), com 821.343 votos, 28,5%. Segundo informação de Salvador Romero, membro da Corte Nacional Eleitoral (CNE), divulgada na Folha On Line, é a primeira vez na história democrática do país que votam mais de 3 milhões de cidadãos em uma eleição geral.

Além do presidente e de seu vice, Álvaro García Linera, foram eleitos 157 legisladores e os governadores dos nove departamentos da Bolívia. Desde a redemocratização do país, há 23 anos, esta foi a primeira eleição direta para governador. Até eles eram nomeados pelo presidente da República. Embora a lei não tenha mudado, a eleição foi possível a partir de um acordo partidário para que o presidente eleito nomeie os vencedores da eleição direta.

Um índio eleito – “É o primeiro líder indígena a ser eleito”, observa Cláudia Wasserman, professora do Departamento de História e coordenadora do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, no qual desenvolve pesquisa sobre as relações de poder político institucional e a história contemporânea da América Latina.

Segundo ela, a eleição de Evo Morales representa a união de duas forças, de um lado, o setor rural que corresponde a 80% da sociedade boliviana e, de outro, o Movimento ao Socialismo (Mas). O Movimento tem dupla conexão: os plantadores de coca e os trabalhadores egressos das minas de extração de estanho privatizadas em 1985. “Muitas estatais foram fechadas e 30 mil mineiros foram demitidos.”

Esses mineiros desempregados



O subsolo do país é rico, mas a população vive na pobreza

FLÁVIO DUTRA

foram buscar trabalho junto ao setor rural no cultivo da coca, reforçando assim o movimento dos cocaleros. “Eles contribuíram com sua experiência de sindicalização e luta política muito intensa desde a revolução de 1952.” Conforme a historiadora, este movimento foi um projeto nacionalista destinado a instituir uma comunidade cultural – a nação boliviana –, através de um processo de homogeneização cultural numa síntese entre as culturas indígenas e a cultura ocidental.

Mas se esses lutadores urbanos sindicalizados trazem como herança seu passado marcado por lutas, os índios agricultores também resistem. Como se consideram proprietários legítimos da região, eles mantêm luta permanente em defesa do patrimônio natural e cultural, não permitindo a entrada dos

grandes consórcios internacionais.

A origem de tanta revolta pelo ingresso do capital internacional na Bolívia por parte dos cocaleros e de outras frentes, está nas privatizações ocorridas ao longo dos últimos anos. De 1985 a 2002, a Bolívia passou pelo governo de três presidentes: Paz Zamorra (MIR/ADN), 1989-1993; Sánchez de Lozada (MNR/MBL), 1993-1997; e Hugo Bánzer (ADN/MIR), 1997-2002. Este último, privatizou a estatal petrolífera boliviana e também foi o responsável pela privatização das minas de estanho.

Para ilustrar a condição de dependência da economia do país, Wasserman lembra um autor andino para quem a Bolívia era um mendigo sentado em cima de um banquinho de estanho e petróleo e hoje é um mendigo sentado em

cima de um vulcão de gás pronto para explodir. “Como a Venezuela, a Bolívia é um país riquíssimo do ponto de vista natural, mas não consegue converter isso para a própria população.”

Por isso, a historiadora acredita que a importância dessas eleições para a Bolívia é a retomada das lutas populares e da preservação das riquezas do país. Para ela, mais do que tudo, é necessário que haja um debate nacional sobre o tipo de democracia que o povo boliviano deseja. “A perspectiva agora é quanto à natureza das questões a serem discutidas, bem como os encaminhamentos que o novo governo dará a essas questões.”

Como exemplo de debate, Wasserman cita as novas políticas a serem adotadas para a entrada de consórcios internacionais: “Para a exploração do gás vão existir novas regras que antes não eram respeitadas – como a cobrança de impostos, remessas de lucro para o exterior e fixação do capital internacional na economia dos países”.

Quanto a este capital, a professora esclarece que, desde os anos 90, através de movimentos como o Consenso de Washington e o processo de neoliberalismo, a determinação vigente é que esse investimento internacional não tenha nenhum compromisso com as economias nas quais se instala.

Isso tem possibilitado que empresas como a Ford e a GM se instalem em países latino-americanos sem qualquer compromisso com a preservação do meio ambiente ou com as regras trabalhistas próprias de cada nação. “Quando eles fecham suas portas e vão. Foi o que aconteceu com a Ford na Argentina.” Nestes casos as empresas só têm vantagens, porque os governos não prevêm compensações na hora de firmar os acordos.

Repercussão Internacional – Na opinião da historiadora, a eleição

de um líder como Evo Morales é interessante para os países da América Latina em geral porque intensifica as relações que estão se estabelecendo entre os governos voltados para os movimentos sociais e para os problemas da sociedade. Esses países têm feito alianças bastante próximas na tentativa de estabelecer uma agenda comum de diálogo qualificado com as potências internacionais.

Mas, ela adverte que não deve haver radicalizações por parte dos movimentos sociais bolivianos agora que levaram Morales ao poder. “Isso poderia resultar em instabilidade política e provocar um golpe das classes dominantes.” Por outro lado, acredita que a manutenção de um governo mais voltado para as questões sociais pode ser benéfico para toda a região.

A fragilidade na manutenção do recente regime democrático, iniciado em 1985, é outro motivo para que a Bolívia não entre numa espiral de instabilidade política, diz a professora. “Os bolivianos vivem um tipo de democracia comum em outros países latino-americanos depois da queda das ditaduras militares.” Ela classifica como moeda de troca das classes dominantes o estabelecimento de tais democracias: “Para nós (elites) redemocratizarmos os países, os sindicatos têm que se colocar no seu lugar e esperar que os benefícios sociais venham a conta-gotas”.

Mas se tais democracias se dão do ponto de vista político, o aspecto econômico isso não ocorre: “Os países sofreram grandes perdas. Governos neoliberais vitimaram os países que se redemocratizaram”. No Brasil esse processo ocorreu com os governos de Fernando Collor de Mello e as duas gestões de Fernando Henrique Cardoso. “Ambos têm o selo neoliberal de privatizações, de minimização dos estados, de flexibilização da economia, de resposta a todas as determinações do Fundo Monetário Internacional (FMI).”

Cultivo da coca é uma questão ética

A coca é um cultivo tradicional milenar que o camponês boliviano está acostumado a fazer desde sempre. Só que esse produto serve de matéria-prima para a atividade ilícita que é o narcotráfico e, na opinião de Wasserman, este é um problema de dimensão internacional.

Ela comenta que, tanto na Bolívia como na Colômbia, os camponeses resistem às investidas dos governos que desde a década de 90 apregoam a reconversão dos cultivos. “O Plano Colômbia tem como proposta justamente investir no camponês para que ele deixe de plantar coca e se dedique a outro cultivo qualquer.”

Só que as lideranças cocaleras defendem a idéia de que deve ser dado aos camponeses bolivianos e colombianos o direito de continuarem a plantar aquilo que já estão acostumados. Para eles: “Os Estados Unidos têm que investir no combate ao narcotráfico, ao refino e comercialização deste produto que eles alegam serem utilizados para fins medicinais”.

Nesse sentido, Wasserman diz tratar-se de uma discussão ética de difícil realização pois envolve a defesa do cultivo de uma planta associada ao narcotráfico, mas que também diz respeito à idéia de defesa da soberania nacional. A professora recorda as palavras de Evo Morales durante a campanha: “Nós vamos plantar o que quisermos e vocês não vão chegar aqui e nos dizer como ou o que plantar. Assim também como não vão chegar na boca do gás e pegar a riqueza boliviana e fazer com ela o que bem entenderem. Vão existir regras”.

A urgência desse debate se justifica segundo a historiadora, até porque são os próprios agricultores que vendem o resultado de seu cultivo. Aí nasce o compromisso de se fazerem negociações ilícitas, como já aconteceu com Hugo Bánzer, que era associado ao narcotráfico, ligado diretamente ao comércio da coca e com o refino e distribuição da cocaína. “Esse é o cuidado que o novo governo precisa ter, tornando-se totalmente independente, não alimentando o narcotráfico e não permitindo que os traficantes transformem em seus parceiros.”

Se, por um lado, o cultivo da coca deixa as grandes máfias cada vez mais ricas, por outro, os cocaleros apenas garantem sua sobrevivência. Neste sentido Wasserman acredita que Evo Morales está assumindo um problema de grande dimensão. Segundo ela, é difícil dizer para o camponês deixar de plantar coca porque os filhos dos norte-americanos estão se drogando: “Até porque o consumo de cocaína na Bolívia deve ser de 0%.”

Esse debate a sociedade boliviana vai ter que enfrentar dentro de sua perspectiva de soberania e das necessidades do país. Sem, entretanto, fazer associação com o crime organizado. “A forma do relacionamento com estas organizações vai ter que ser pautada por um debate ético, para que o país não venha a se prejudicar. E para que todo esse discurso de soberania não venha a ser desqualificado em função dessa atividade produtiva.”

Para a historiadora, assim como há o objetivo de estabelecer regras para a exploração do gás na Bolívia, o governo de Evo Morales deverá estabelecer regras para o cultivo e a comercialização da coca.

Eleição marca a retomada das lutas populares



Fotoprotetores: questão de saúde pública

Saúde Inacessíveis para a maioria da população, os filtros solares atuam na prevenção de doenças

Sonia Torres

É verão e com sua chegada a tendência é aproveitar todas as diversões que só a estação do sol proporciona. Férias, praia, piscina e o principal: adquirir aquele bronzeado pelo qual as pessoas esperam o ano inteiro. Mas para curtir tudo isso, sem virar um pimentão e sem as incômodas ardências das queimaduras solares, é preciso alguns cuidados. O veranista deve ter em mente que as radiações solares podem ser benéficas ou não, dependendo do horário de exposição e da proteção dada à pele. Especialistas afirmam que os exageros na exposição ao sol causam sérias doenças cutâneas. A mais grave delas é o câncer da pele. Existem alguns fatores que predis põem a sua formação, como o tipo de pele, a suscetibilidade e a quantidade de sol recebida.

Segundo o dermatologista Humberto Ponzio, professor e coordenador do Programa de Educação Médica Continuada da Faculdade de Medicina da UFRGS, das radiações solares que alcançam a Terra, as que causam mais danos são as ultravioletas do tipo B, que são muito energéticas, apesar do baixo poder de penetração. Essas radiações são parcialmente filtradas pela camada de ozônio.

“Muito se fala, hoje, dessa camada, pois na medida em que ela diminui, mais radiações UVB (causadora dos vermelhões) penetram e mais danos são produzidos”, afirma o médico. Humberto Ponzio diz que para cada ponto percentual de diminuição da camada de ozônio, aumenta em 4% a incidência de câncer, conforme dados da NASA, agência espacial norte-americana. Por outro lado, as radiações de UVB, tão lesivas à pele, correspondem apenas a 5% das radiações ultravioletas que atingem a Terra.

Riscos ao sol – No Rio Grande do Sul, ocorre a maior incidência de câncer da pele registrada no Brasil, pois grande parte da população é descendente de europeus e, por terem a pele clara, mais sofrem com a exposição ao sol. O dermatologista informa que existem basicamente três tipos de tumores: o carcinoma basocelular, responsável por 70% dos casos, o espinocelular, causador de pouco mais de 20% dos casos e o melanoma maligno, que é o mais grave de todos, representando de 5% a 8%. O basocelular e o melanoma estão muito relacionados a grandes insolações na infância. Aquelas pessoas que se expuseram excessivamente ao sol na primeira infância e tiveram queimaduras solares, terão mais chances de contrair esse tipo de tumor na idade adulta. Por isso, se recomenda tanto que pes-



Especialistas alertam: o excesso de exposição ao sol causa câncer e envelhecimento precoce da pele

FLÁVIO DUTRA

soas de pele clara não se exponham ao sol até os seis meses de idade. Dos seis meses aos três anos, somente com muita proteção. Já o tumor do tipo espinocelular acumeta os indivíduos de forma cumulativa, quando a pessoa vai recebendo sol ao longo do tempo, até chegar no ponto de desenvolver o câncer.

Fundamentalmente se recomenda primeiro que as crianças não sejam expostas ao sol. Segundo, sempre buscar o sol com proteção, principalmente quando as radiações estão mais fortes. O uso de chapéu, óculos escuros e camiseta, além do filtro solar, é imprescindível.

O professor lembra que não é só o câncer da pele que o sol produz, mas também o envelhecimento precoce. Se as pessoas se abrigassem totalmente do sol e usassem permanentemente um protetor, teriam tendência a envelhecer muito mais tarde. Esse dado mudou o perfil de comportamento, pois enquanto se dizia que o sol produzia câncer elas não se sentiam ameaçadas, porém quando se passou a falar no envelhecimento, as coisas mudaram. Ele também ressalta que o câncer da pele se comporta inicialmente como uma mancha, e esta evolui para um tumor, que pode levar à ulceração. O eritema (vermelhidão na pele) é outra consequência da exposição exagerada.

Humberto Ponzio diz, no entanto, que o sol também pode trazer benefícios, como a síntese da pró-vitamina D, às custas do UVB. Essa vantagem ocorre somente próxi-

mo do meio-dia, por isso a exposição ao sol deve ser feita em doses moderadas. Outro grande efeito do sol é o seu poder antidepressivo.

Ação dos fotoprotetores – De acordo com Sílvia Guterres, do Departamento de Produção e Controle de Medicamentos, professora da disciplina de Cosmetologia da Faculdade de Farmácia da UFRGS e pesquisadora na área de Fotoproteção, os filtros solares podem ser classificados em dois ti-

Quando respeitado, o sol pode trazer muitos benefícios à saúde

pos: físicos (moléculas inertes) e químicos (moléculas orgânicas). São produtos que funcionam por mecanismos diferentes e a maioria dos filtros solares comercializados contém ambos, que, em associação, apresentam excelente capacidade de proteger a pele das ações nocivas da radiação ultravioleta, tanto A quanto B, que têm potencial lesivo à pele. Mas a professora alerta que alérgicos a protetores e bloqueadores devem buscar o uso dos filtros físicos.

As formulações de produtos que contêm filtros solares são chamadas fotoprotetores e são vendidos no mercado, oferecen-

do fatores de proteção diferenciados. Todos eles, se corretamente utilizados, tornam-se ferramentas importantes na prevenção de manchas, envelhecimento cutâneo e, em situação mais grave, o câncer. A pesquisadora informa que, hoje em dia, essas substâncias são usadas não só em produtos para exposição ao sol. A maioria dos cosméticos já contém filtros solares, como a sombra, o rímel, a base, o batom e os cremes hidratantes. Cientificamente, essa proteção está comprovada para uso no cotidiano.

Segundo Sílvia Guterres, a fotoproteção bem feita e o uso dos filtros solares atende a uma questão de saúde pública, já que são aliados potentes na prevenção de doenças da pele. Ela salienta que para cada tipo de pele existe um fator de proteção solar (FPS) indicado. Quanto mais clara, maior o fator de proteção. O FPS informa a capacidade de proteção do produto, que vai de 2 até 30, não determinando o número de horas de exposição ao sol. Quanto maior o valor do FPS, maior a proteção oferecida pelo cosmético, indicado principalmente para as peles mais suscetíveis.

Conforme a cosmetóloga, existem no mercado protetores com FPS de 2 a 70, mas a realidade é que acima de 30 o produto perde sua capacidade de proteção adicional.

Para que os protetores e bloqueadores (FPS acima de 20) sejam eficazes, precisam ser bem aplicados, em camadas generosas, 30 mi-


nutos antes da pessoa se expor ao sol, o que facilita uma boa penetração na pele. É importante cobrir todas as regiões do corpo, não esquecendo as orelhas e os pés. As reaplicações devem ser feitas a cada duas horas, independente do FPS.

Os produtos que estão no mercado são convencionais, mas a pesquisadora tem procurado desenvolver cosméticos inovadores com maior eficácia, chamados nanocosméticos, ou produtos nos quais é incorporada a nanotecnologia. A pesquisadora também está estudando produtos que causem menos alergias, que não irritem a pele e que sejam mais eficazes, com menor concentração, possibilidade de maior FPS e mais resistentes à água e ao suor.

Radiações solares


De todas as radiações solares que chegam à Terra, só 5% são ultravioleta e, dessas, somente 5% são UVB. Todo esse dano é causado por uma quantidade de radiação muito pequena, que está presente no planeta, entre 10h e 16h. De acordo com o professor Ponzio, hoje admite-se alguns aspectos lesivos das radiações UVA (responsáveis pela pigmentação da pele), que não são tão energéticas quanto o UVB, mas também têm, por outros mecanismos, capacidade de produzir reações negativas.

ARTE: CAMILA ROCKENBACH



Château

Você já reparou na beleza dos prédios históricos da UFRGS?




Rádio


A UFRGS possui 12 prédios históricos que são verdadeiras relíquias. O projeto de restauração do Patrimônio Histórico da UFRGS busca trazer de volta todo o esplendor que estes prédios irradiaram em épocas passadas. Para isso, contamos com sua colaboração.

Mas antes disso, que tal admirar os prédios que já foram recuperados? O Museu da UFRGS, o Observatório Astronômico, a Rádio da Universidade, o Château e a Faculdade de Direito estão renovados, proporcionando acesso a toda a riqueza cultural do passado.


Visite, admire, colabore! Este patrimônio também é seu.




Faculdade de Direito



MINISTÉRIO DA CULTURA



UFRGS



Secretaria do Patrimônio Histórico

PENSAR NO FUTURO É FAZER NO PRESENTE.



A importância da leitura dos contos machadianos

Literatura Professor explica por que a obra do “mais inglês dos escritores brasileiros” não pode deixar de ser lida

Antônio Sanseverino*

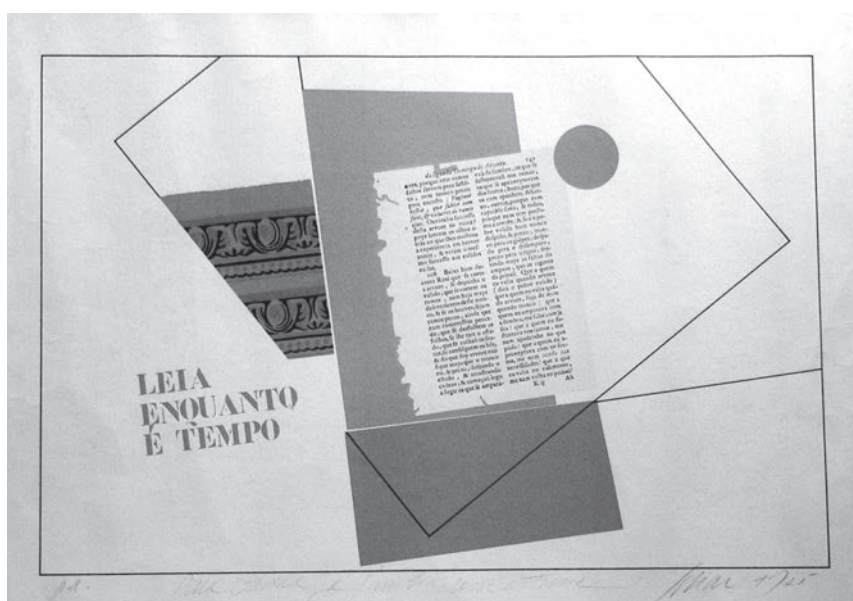
O crítico literário, seguindo a lição de George Steiner, em *Alfabetização Humanista*, é um mediador entre as obras literárias e o leitor. Ele pode indicar obras da tradição que ainda estabeleçam um diálogo vivo com o presente. O discernimento não está apenas na escolha de um romance há muito esquecido, mas também na consciência do limite de sua opinião e das mudanças históricas que perpassam nossa relação com as obras.

Ao avaliar uma obra da tradição ou contemporânea, o critério não pode ser apenas o prazer imediato da leitura, a fruição tão absoluta que leva o leitor a um movimento contínuo de virar páginas em fluxo ininterrupto. Não se trata também de puro juízo formalista, em que a inovação estilística se torne termo absoluto. O critério fundamental é considerar a forma literária em sua capacidade de trazer dentro de si a dimensão humana de experiências qualificadas. Para além da reprodução do senso comum ou da ideologia, a grande obra coloca-se como um obstáculo ao juízo fácil e uma ruptura das rotinas do cotidiano.

O objetivo que se coloca, então, é a leitura, não apenas da letra, mas do sentido integral da obra, o que pressupõe a capacidade do leitor de captar a voz e presença do livro ou de perceber a obra como a representação de uma experiência humana pela palavra, resgatando a relação entre literatura e vivência. O fundamento, como nos mostra Steiner, está na penetração da literatura no *nosso íntimo, interior*; no abalo que provoca em *nossa consciência*; na influência sobre *nossa imaginação e desejos*, bem como em *nossas ambições e sonhos mais secretos*.

A concepção humanista da leitura pressupõe a formação do sujeito, por permitir que ele encontre no livro as experiências de outros homens e descubra novas possibilidades humanas em si mesmo. A marca central está em permitir a saída de si para encontrar o outro. Isso provoca medo e deleite, pois o homem, ao se desprender de si, questiona sua própria identidade.

Partindo dos pressupostos acima colocados, gostaria de indicar alguns autores da tradição literária brasileira cuja atualidade parece-me inquestionável. Não resgato esses autores por provocarem em nós um abandono do relógio ou um mergulho dentro do universo imaginário da obra. Em sua capacidade de representar uma experiência brasileira, há uma linhagem de grandes autores que fogem dos modelos genéricos de identidade: o brasileiro, o mineiro, o nordestino, o gaúcho... A dimensão sócio-histórica penetra no núcleo da forma literária, enquanto conflito ou tensão individual. Há uma linhagem de autores marcados pelo perfil melancólico do distanciamento, do recolhimento, do caráter reflexivo, da ironia, do ceticismo. Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector, Raduan Nassar, Chico Buarque,



Esta gravura de Carlos Scliar, de 1975, lança um desafio ao público

para citar alguns, não se enquadram em um modelo linear e homogêneo de brasilidade.

Machado de Assis chegou a ser criticado pela falta de brasilidade. O mais inglês dos escritores brasileiros, por não representar a natureza exuberante, representou a impossibilidade de alcançar uma totalidade na formação brasileira. Dos livros da segunda fase, os romances constituem um conjunto de obras impressionantes em sua capacidade de representar uma dualidade brasileira (arcaica e moderna) que se petrificava em tipos como Brás Cubas ou como Bento Santiago. Quero destacar, no entanto, os contos, cuja leitura (e releitura!) impressionam pela capacidade de catar o mínimo e o escondido e trazer os detalhes do cotidiano ao nível revelador da condição individual e histórica do brasileiro.

“Descobrir os contos machadianos é como descobrir um universo escondido”

E, para começar, emendamos Sêneca. Cada dia, ao parecer daquele moralista, é, em si mesmo, uma vida singular, por outros termos, uma vida dentro da vida. Não digo que não; mas por que não acrescentou ele que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira.

Esse é o trecho inicial de *O empréstimo*. Em uma hora da vida de seu personagem, Machado de Assis apresenta não apenas uma cena circunstancial, mas um conflito que traduz o caráter do sujeito. Esse conto apresenta o tabelião Vaz Nunes, em um final de expediente, recebendo a visita de Custódio, que veio lhe pedir dinheiro. O primeiro tem a capacidade de desvendar a aparência, o segundo tem “a vocação da riqueza, sem a vocação do trabalho”. Nessa hora em que se confrontam, revela-se a natureza de cada um deles. Machado mergulha com precisão detalhista no gesto de olhar por cima dos óculos, no movimento dos braços, no modo de pegar a carteira, na maneira de caminhar de cabeça

erguida. São detalhes do cotidiano. Essa ação narrativa e o tempo que passa não trazem, contudo, transformação. A melancolia que perpassa essa anedota humorística deixa um travo amargo, posto que de fel irônico, no riso do leitor. A passagem do tempo não implica transformações; são personagens alegorizados e congelados, incapazes da mudança. É como se o destino estivesse consumado em vida.

Como Custódio ou Vaz Nunes, temos uma galeria de grandes personagens nos contos (realistas ou não): Fortunato, Garcia, Simão Bacamarte, Pestana, D. Benedita, D. Paula, Mariana, Genoveva, Maria Regina, Inácio... Dona Camila, por exemplo, para quem o telegrama da velhice chega em um cabelinho branco, luta pela preservação da beleza e da juventude.

A cada conto temos uma surpresa. Ao ler *Conto Alexandrino*, descobrimos dois filósofos cartagineses, Pitias e Strobilus, indo para Alexandria em busca do reconhecimento. No conto *Na arca*, temos uma recriação da linguagem bíblica. E os diálogos? É uma forma recorrente usada para contar uma história, como acontece em *Teoria do medalhão* e *Singular ocorrência*. Assim, temos uma carta suicida, um manuscrito medieval, uma página de diário...

Como se vê, Machado de Assis não representou o Brasil na força grandiloquente de *O Guarani*. No entanto, foi ao núcleo da questão, ao negar grandes definições eufóricas de brasilidade e ao introduzir as tensões sociais na dimensão dos conflitos de seus personagens que, na distância histórica do século XIX, nos lembram de nossa condição brasileira e humana.

No breve espaço deste texto, não foi possível percorrer os outros autores referidos. O interesse de retomar os contos machadianos, entretanto, é tal, que valeu compartilhar uma pequena parte desse universo ficcional. Resta apenas recomendar a leitura dos contos de *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Várias histórias*, *Páginas recolhidas* ou *Relíquias da casa velha*. Descobrir os contos machadianos é como descobrir um universo escondido. Quem ainda não os leu, depois de ler, vai certamente lamentar não ter feito isso antes.

* Professor do Instituto de Letras da UFRGS

Resenhas

Por Caroline da Silva

A memória da cidade

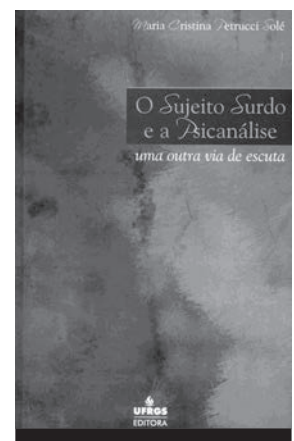
Se o Brasil é um país sem memória, esta publicação é a prova de que esforços não faltam para que Porto Alegre seja uma cidade com memória. A obra traz o trabalho de quatro anos de pesquisas na capital gaúcha a partir do projeto integrado do CNPq *Estudo antropológico de itinerários urbanos, memória coletiva e formas de sociabilidade no mundo contemporâneo*, apresentando os dados e fatos etnográficos recolhidos pelas autoras. Segundo a apresentação do professor Ruben George Oliven, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert são duas das mais importantes antropólogas brasileiras que pesquisam o meio urbano. Oliven, que é professor do Departamento de Antropologia da UFRGS, disserta sobre a relevância do tema do livro: “As grandes cidades são espaços de contradição nos quais o tradicional convive com o moderno e onde culturas nacionais são reinterpretadas por subculturas étnicas ou de classe”. Destaca-se também a importância da imagem na pesquisa, uma vez que o trabalho das autoras é marcado pela Antropologia Visual. As autoras são doutoras em Antropologia Social pela Paris V Sorbonne e realizaram pós-doutorado na Université Paris VII, em 2001. Professoras no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS e pesquisadoras CNPq, Cornelia Eckert é ainda professora do Departamento de Antropologia do IFCH e do Programa de Pós-graduação em Ecologia da UFRGS.



O TEMPO E A CIDADE
Ed. UFRGS, 2005,
196 p., R\$ 16*, de
Ana Luiza Carvalho
e Cornelia Eckert

A psicanálise surda

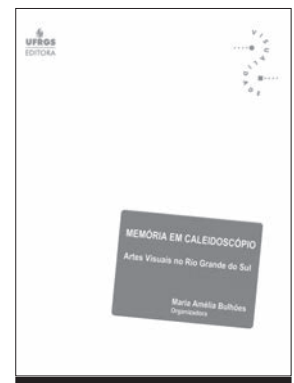
Este é um livro instigante para aqueles que entendem a psicanálise como uma terapia em que se deita num divã e fala-se, fala-se, desabafa-se. Como isso seria possível com sujeitos surdos, aqueles que nascem sem ou perdem sua audição logo no início da vida, tendo assim que aprender uma outra linguagem? A autora prontamente apresenta o paradoxo: “Trabalhar sem a fala em uma técnica que foi criada justamente por meio dela é hilário e, ao mesmo tempo, desafiador”. Para a teoria psicanalítica, a escuta da voz materna é a principal via de constituição subjetiva da criança. Para Freud, o estímulo para a formação ideal de ego é a influência exercida de viva-voz dos pais. E Lacan afirma que os ensinamentos para introduzir o sujeito em uma realidade provêm da fala do adulto por meio da voz. Esses são só dois pequenos exemplos de toda a teoria psicanalítica e de surdez que a pesquisadora levanta. O objetivo de tal estudo é investigar como então se constitui esse sujeito sem escutar a voz materna e como seria uma psicanálise através da língua de sinais. Uma pesquisa muito interessante que vem contribuir para a bibliografia tão escassa desse tema. Maria Cristina Petrucci Solé é psicóloga e psicanalista, especialista em Filosofia da Linguagem e da Comunicação, mestre em Psicologia do Desenvolvimento e doutora em Psicologia Clínica. É também membro da equipe do Centro Lydia Coriat, de Porto Alegre, e da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).



O SUJEITO SURDO E A PSICANÁLISE: UMA OUTRA VIA DE ESCUTA
Ed. UFRGS, 2005,
183 p., R\$ 19,20*,
de Maria Cristina
Petrucci Solé

Refletindo diversos fragmentos

O título da série Visualidade reúne artigos de ex-alunos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, que, embora criado recentemente, tem alcançado reconhecimento nacional. Na década de 90, surgiram onze programas de pós-graduação na área distribuídos pelo país – o da Universidade estava entre eles, instalado em 1991. Esse tipo de iniciativa fomenta a pesquisa, colaborando para a qualificação dos artistas e para a difusão de conhecimento neste campo. Os textos desta publicação vão na direção da perspectiva histórica dos processos artísticos locais analisados ou na compreensão dos fenômenos atuais de produção artística. As “memórias em caleidoscópio” correspondem a algumas das pesquisas da concentração de História, Teoria e Crítica do PPG-AV. O recorte temático deste livro transparece um caráter regional, que pretende construir uma historiografia local, situando e valorizando suas abordagens dentro das manifestações de um país tão grande e diverso. Para Maria Amélia Bulhões, organizadora da obra, retratar uma produção regional não significa traduzir o sentido negativo do termo: “Assumir uma condição periférica pode ser uma atitude corajosa, sem xenofobismos gloriosos, mas com a compreensão das importantes contribuições do local na orquestração harmônica da cultura contemporânea”. Está aí uma leitura abrangente, heterogênea, diversificada; que acima de tudo pinta, fotografa, esculpe, desenha e pensa um objeto comum: a arte gaúcha. Como o caleidoscópio, que através de pequenos pedaços coloridos, forma, através da reflexão, imagens e sensações múltiplas, em constante mutação, mas que saem sempre de dentro do mesmo tubo.



MEMÓRIA EM CALEIDOSCÓPIO: ARTES VISUAIS NO RIO GRANDE DO SUL
Ed. UFRGS, 2005,
261 p., R\$ 25,60*,
organizado por Maria
Amélia Bulhões

* Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

Museu expõe gravuras do Instituto de Artes

Patrimônio Obras de artistas renomados compõem coleção valiosa e pouco vista em Porto Alegre

Sônia Torres

Até 18 de março, o Museu da UFRGS apresenta a exposição Total Presença, integrada à proposta do Circuito Cultural Banco do Brasil, que divulga trabalhos de gravura de artistas gaúchos e nacionais pertencentes ao acervo artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, do Instituto de Artes. A exposição é uma forma didática de mostrar ao público o que a Pinacoteca tem e que raramente é visto.

De acordo com a professora Blanca Brites, responsável pela Pinacoteca e curadora da mostra, trata-se de uma exposição cujo título é justificado por seu objetivo: expor pelo menos uma vez todas as obras do acervo, composto por 160 peças, entre xilogravuras (gravuras em madeira), litografias (em pedra), gravuras em metal e outras técnicas. Nem todas estão em boas condições, mas serão mostradas assim mesmo.

Trata-se de um dos mais antigos conjuntos de artes plásticas do Rio Grande do Sul, reunido desde a formação do Instituto, em 1908. Brites lembra que o acervo teve início com obras de professores e alunos que passaram pelo Instituto e também de artistas convidados. Conforme a avaliação da professora, há obras de grande valor artístico e “não houve uma seleção nem de obras, nem de artistas, para que todos pudessem ser contemplados”.

Na museografia, realizada por Flávio Roberto Gonçalves, gravador e professor do Departamento de Artes Visuais do IA, pode ser detectada a preocupação em valorizar as obras mais antigas, como as do Grupo de Bagé, constituído por Vasco Prado, Glênio Bianchetti, Carlos Scliar, Glauco Rodrigues e Danúbio Gonçalves, que teve pro-

jeção e importância nos anos 1950 e 1960. “A exposição tem a finalidade de mostrar o percurso da gravura no Rio Grande do Sul, das mais antigas até as contemporâneas, além de dar testemunho das condições da coleção”, afirma Flávio. Para ele, a composição do acervo permite situações inusitadas, como o reencontro do artista Paulo Peres - participante da mostra - com a primeira gravura que fez. “Isso dá a dimensão da relevância do acervo”, diz.

Juntamente com o Grupo de Bagé, artistas de renome como Regina Silveira, Arthur Piza, Carlos Scliar, Anico Herskovitz, Maria Lúcia Cattani, Hélio Fervenza e Romanita Disconzi, entre outros, estão à disposição do público para apreciação.

A mostra é parte de uma pesquisa que a professora Blanca Brites está realizando, auxiliada pela equipe da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, que propõe a digitalização das obras. Ela anuncia também a produção de um CD-ROM, com uma exposição virtual de todas as gravuras. Além disso, estão expostos os instrumentos utilizados na confecção de gravuras, como matrizes, goivas, tela de serigrafia, rolos de impressão, pedra litográfica e chapas de cobre para a gravura em metal (calcografia).

Mostra virtual – “Informatização do acervo artístico e documental da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo” é o título da pesquisa desenvolvida por Blanca Brites, que tem o objetivo de apresentar todo o acervo como uma grande exposição dividida conforme as linguagens artísticas: gravura, desenho, pintura, escultura, novas tecnologias, fotografias e documentos.

Depois de organizado, o material irá constituir um CD-ROM. Essa

pesquisa teve o apoio da Fundação Vitae e de bolsistas da Iniciação Científica Bic e Pibic/CNPq. A informatização do acervo vem sendo feita há algum tempo, para possibilitar a consulta virtual.

Houve separação em sete módulos, iniciando pela gravura. Como o acervo inclui trabalhos de artistas desconhecidos e sem referências, está sendo feita uma pesquisa que pode levar a outras informações sobre obras de artistas dos quais se conhecem apenas os nomes. A professora atribui essa situação ao fato de muitas das obras serem de alunos que deixaram a carreira.

Quando entram em um acervo as obras não podem ser retiradas, mas já estão fotografadas e com registro informatizado no CD-ROM que será lançado em janeiro e terá caráter didático, devendo ser enviado a escolas em forma de exposição virtual e documental, já que contém pequenas biografias de cada artista.

De acordo com a curadora, o patrimônio artístico do IA sofreu percalços durante as muitas mudanças ocorridas. “Sempre se recebeu doações e material, mas em alguns momentos esse patrimônio não teve todo o cuidado que deveria ter, com precariedades como até hoje existem, especialmente pela falta de espaço. Mas, quando se vê essa exposição, que é belíssima, didática, informativa e documental, não se pode esquecer que há necessidade de se conhecer o patrimônio para que seu valor seja reconhecido. É preciso investir nesse patrimônio, para que ele permaneça”.

O acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo fica guardado na reserva técnica do IA, um local secreto por diversas razões, incluindo as de segurança, mas a função de um acervo é ser apreciado. “A arte tem que ser mostrada, pois ela é pública e precisa cumprir sua missão social e estética que é de ser vista”, reitera Blanca Brites. Normalmente, o IA faz exposições uma ou duas vezes por ano, valorizando o acervo. Ela conta que, durante o projeto anterior, Singular no Plural, quando foram expostos trabalhos de professores do IA, que doaram uma obra ao Instituto. Essa é uma forma de ampliar o acervo, uma vez que a Universidade não tem condições de fazer aquisições.

Conservação e restauração

Toda obra pode ser restaurada e conservada, de acordo com Lenora Rosenfield, professora adjunta do Departamento de Artes Visuais do IA, das disciplinas Materiais e Técnicas na Pintura e Introdução Teórica da Restauração. Os termos são uma grande discussão e constituem em polêmica internacional. Na restauração, há maior intervenção na obra, no sentido de que interfere, não na questão plástica, mas na estrutura. Já a conservação é uma maneira de não deixar que a obra continue deteriorando e impedir que deteriore mais. Mas não há uma definição com a qual todos estejam de acordo, sendo que alguns países usam apenas a palavra conservação, porque a idéia é interferir o menos possível na obra.

Lenora conta que algumas obras



REPRODUÇÕES / ACERVO PINACOTECA IA

do acervo estão perfuradas, tornando-se necessária a intervenção para obturar os furos. Isso já se constitui em uma interferência na estrutura do trabalho. Neste caso, pode ser considerada restauração. Alguns lugares chamam esse procedimento de conservação também. Tanto restauração quanto conservação têm como regra interferir o mínimo possível em uma obra, não mexendo de maneira nenhuma no que o artista fez. O que é ditado pelo autor na obra é o que o restaurador tem que fazer. Alguns países e restauradores fazem a distinção entre o restaurador e o conservador.

Para eles, o restaurador é o profissional que interfere na estrutura da obra e que trabalha mais com a química, além de ter mais conheci-

mento científico. O conservador é aquele que acondiciona a obra de forma que ela não continue se deteriorando. Montar um trabalho em um papel de acidez neutra pode ser feito por um conservador. Quando um técnico faz uma intervenção que desacidifica e desinfeta o trabalho, já que os papéis têm uma tendência a ficar ácidos, faz uma restauração. Neste caso, essa acidez é neutralizada quimicamente com banhos, o mesmo ocorrendo com problemas de mofo, quando é desinfetado. Tudo isso é trabalho de restauração.

Restauração e conservação: polêmica internacional

No Brasil existe também essa grande confusão. Há profissionais que são conservadores mas se consideram restauradores. Mas o restaurador engloba tudo, pois, depois de restaurar uma obra, ela deve ser entregue em condições que impeçam a rápida deterioração, já que é impossível esperar que nunca mais sofra os processos do tempo ou não necessite de nova restauração. “Nada no mundo é assim”, diz a professora.

No acervo do Instituto de Artes

não poderia ser diferente. De acordo com Lenora Rosenfield, nesta coleção nove obras foram restauradas por ela. Em algumas delas, esse trabalho ainda não está concluído, mas as obras têm condições de serem expostas. A restauradora treinou um grupo de bolsistas e de alunos, que fizeram a montagem dos trabalhos. Ela salienta que optou por não fazer o clareamento das obras. As manchas produzidas por fungos poderão ser vistas e, num primeiro momento, chocar o espectador, fazendo-o achar que a obra não foi restaurada. “É só a mancha, pois o fungo foi tratado, a acidez neutralizada, e os furos que existiam também foram obturados”, esclarece.

A professora conta que algumas obras estavam se desmanchando ao pegar. “Eu mexi na estrutura para que isso não acontecesse”, diz. Ela explica que isso é possível por meio da consolidação da estrutura da obra pondo outras camadas de um papel invisível para devolver a solidez do papel, de maneira que, na manipulação, transporte ou montagem, ele não se degrade cada vez mais.

Todos os processos de limpeza de papel são agressivos à obra. Isso significa que ela tenderá a ter existência menor. “Nesse lote que fiz, optei por não tirar nenhuma mancha. Além disso, era uma quantidade grande de manchas, em papéis que são de estruturas frágeis”, afirma. No futuro, em parceria com a curadora da mostra, poderá chegar-se a um consenso com relação a promover o clareamento em obras com poucas manchas ou com uma mancha grande e localizada. Quando há muitas manchas espalhadas pela obra é difícil fazer um trabalho que não seja agressivo.

SAIBA MAIS

A visitação pode ser feita de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. O Museu da UFRGS funciona no Campus Centro (Av. Osvaldo Aranha, 277). Agendamento de visitas guiadas através dos telefones 3316-3390 ou 3316-3034. Entrada franca.



No alto, *Pescador de São Francisco*, de Danúbio Gonçalves (1954), xilogravura; acima, *Cristo*, de Eduardo Moll (1955), gravura em metal; abaixo, *Não se fazem mais famílias como antigamente*, de Anico Herscovitz (1976).



CLÓVIS CAMARGO OTT

1944 — 2006

Forte por fora, doce por dentro**Ademar Vargas de Freitas**

Inteligente, exaltado, explosivo, obstinado, solidário, generoso, sempre pronto a defender, a ajudar, a emprestar, a oferecer sem esperar retribuição. O jornalista Clóvis Ott, que durante sete anos foi editor-chefe do Jornal da Universidade, era assim: forte por fora, doce por dentro, um leonino que falava alto e gesticulava muito. Se não era para dizer, ele já tinha dito.

Clóvis passava a imagem de bravo e de brigão, mas era bem-humorado, agregador e brincalhão, ria e fazia os outros rirem. Tanto que os colegas do Correio do Povo o apelidaram carinhosamente de Clovissauro, e os bolsistas do Jornal da Universidade o chamavam de Tas, o diabo-da-tasmânia. Só não suportava injustiça e lugar-comum. Se rebelava contra a redundância e a falta de atenção com a palavra escrita. Tinha especial ojeriza ao emprego do verbo acontecer para coisas programadas. “Se acontece, é por acaso, se tem data marcada, não é acontecimento.”

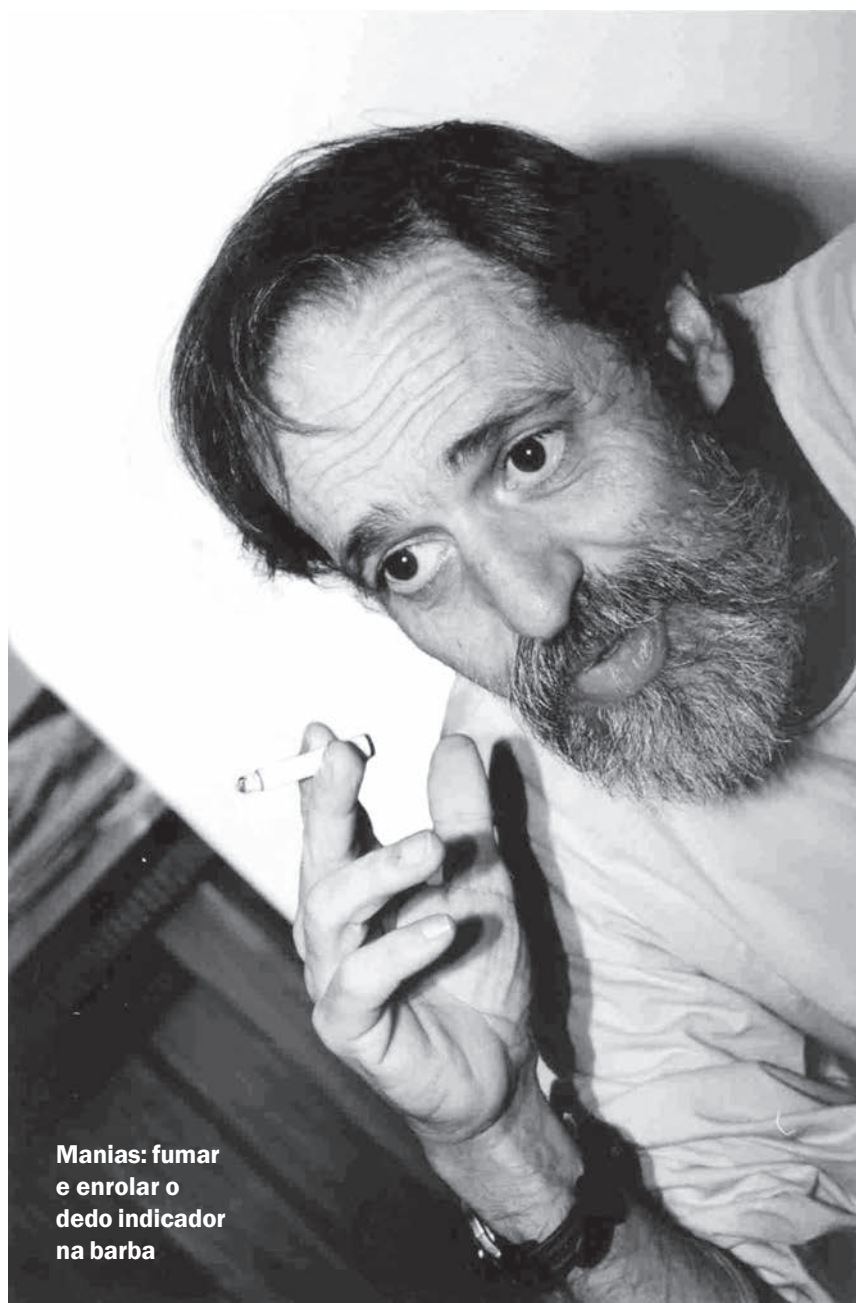
No Colégio Anchieta, onde estudou, meteu bronca com os padres. Em Portugal, abandonou um emprego de alto salário porque não queria fazer propaganda de uma multinacional que tinha ajudado a instalar governos ditatoriais na América Latina. Embora viesse de

uma família abastada, nunca se importou com ganhos ou títulos.

Muitos anos atrás, após beber todas, parou de repente e nunca mais botou uma gota de álcool na boca. Venceu essa luta, mas não conseguiu se livrar do cigarro. Os efeitos acumulados dessas duas drogas lícitas contribuíram para enfraquecer seu organismo, atacado pelo diabetes e por uma doença renal que, durante anos, o obrigou a submeter-se a três penosas sessões semanais de hemodiálise, cada uma com quatro horas de duração.

Precisava de um transplante de rim, mas nunca chegou a completar os exames necessários para se candidatar, embora tivesse “tentado” por três vezes. Além disso, tinha que deixar de fumar. No dia 24 de outubro, um acidente vascular cerebral hemorrágico, o levou a internar-se no CTI do Hospital Mãe de Deus, onde teve parada cardíaca às quatro da manhã do dia 1º de janeiro, aos 61 anos.

Clóvis deixa Heloisa Tschiedel, bibliotecária com quem viveu os últimos 24 anos - amor de juventude reencontrado anos mais tarde, já com dois filhos, Gibran e Lúcia Helena. E deixa Marcos Ott, de 28 anos - filho único como ele, nascido em Lisboa, do relacionamento de nove anos com a jornalista Sônia Renner e formado em Comércio Exterior.



Manias: fumar e enrolar o dedo indicador na barba

FOTO: JORNAL DA UNIVERSIDADE

NO QUAI D'ORSAY

“A última matéria que fiz antes de ir para França foi sobre as novas sinaleiras da cidade. Chegando em Paris, fui escalado para cobrir a conferência de paz da Guerra do Vietnã, no Quai D’Orsay – o equivalente do nosso Itamaraty. Lá estavam as grandes estrelas do Washington Post, Le Monde, Figaro. Pensei: ‘O que estou fazendo no meio desses caras? Ontem, estava cobrindo sinaleira de rua, hoje, conferência de paz com as duas grandes figuras mundiais do momento: Le Duc Tho, do Vietnã, e Henry Kissinger, dos EUA.’ Eu estava acostumado com a repressão. Aqui, quando chegávamos perto de uma autoridade, éramos afastados a coices.”

MACARRÔNICOS

“Me chamaram para fazer uma entrevista sobre aborto, com a atriz Marie Laforêt, chamada de ‘la femme aux yeux d’or’ – mulher dos olhos de ouro, famosa pelo filme *O Sol por Testemunha*. O francês que eu conhecia era o que havia aprendido no Anchieta, mais o que aprendi lá. Ela começou a rir, e foi a vez dela falar em português macarrônico. ‘Clóvis, vamos fazer o seguinte: tu me perguntas em português e eu te respondo em francês. Depois, voltamos a fita, e eu te traduzo o que disse, para tu fazeres outra pergunta’. Achei que estava sonhando. Ela me explicou que tinha namorado um baterista brasileiro durante cinco anos. O que seria um fracasso, foi minha glória.”

ME RECUSO

“Em 1973, estava na agência Marca, em Lisboa, quando do golpe no Chile. Ficávamos sabendo do que acontecia, do envolvimento da ITT (International Telegraph & Telephone) e dos massacres de Pinochet. Um dia, chega a pasta de um cliente novo na minha mesa. Era a conta das Páginas Amarelas da ITT. Não fiz, me recusei. Briguei com o diretor de criação da agência, disse que não trabalharia para a ITT. ‘Mas não é para a ITT, é para a agência.’ Respondi, então, que não trabalhava em agência que atendia a conta deles. E fui m’embora.”

CASO DAUDT

“A Zero me chamou para cobrir o caso porque estava tomando um banho do Correio. Ficaram meio encabulados, afinal, o Daudt era da RBS. Trabalhei um mês, mas a pergunta que queriam que eu respondesse não competia a mim, e sim à polícia. Cheguei até a levantar duas hipóteses, mas hoje se sabe que o furo é bem mais embaixo. Não é repórter de jornal que vai descobrir alguma coisa. Dois delegados, o Wilson Müller e o Abílio Pereira, sabem muito da história e foram afastados justamente para não descobrir nada.”

OLHOS NOS OLHOS

“Quando vejo um coleguinha com iate e carro importado, fico pensando: ‘Pô, eu me rasgo todo para pagar uma prestação, estou num consórcio de carro usado...’ Mas nunca dei bola pra isso. Talvez eu seja burro, não sei, mas não me arrependo. Não tenho vergonha de olhar meu filho nos olhos e de me olhar no espelho todos os dias de manhã.”

Um “otimista experiente”

Numa entrevista aos jornalistas Gil Cafrune Gosch e Leandro Rodrigues para o jornal 3x4, editado em 2000 pelos alunos do Curso de Jornalismo da Fabico, Clóvis revelou um pouco de sua vida e de sua personalidade. Sempre foi crítico em relação a tudo, imprensa, política, Brasil, Inter, mas não admitia ser chamado de pessimista. Preferia ser visto como “um otimista experiente”. Clóvis Camargo Ott nasceu no dia 9 de agosto de 1944, em Porto Alegre, e foi criado pela mãe, Alice, e por uma tia solteira, Leda. O pai, um comerciante abastado, faleceu de ataque cardíaco quando ele tinha sete anos de idade. Clóvis queria ser médico, mas após a segunda tentativa frustrada, resolveu fazer vestibular para Jornalismo. Só para não ficar um ano sem fazer nada, até tentar Medicina outra vez. No mesmo ano em que entrou para a Famecos, 1968, foi convidado para trabalhar no Diário de Notícias e se encantou com o jornalismo. No ano seguinte, estava na Folha da

Manhã, onde ficou até 1971, quando recrudescia a repressão da ditadura militar, com prisões, torturas e mortes. Então, decidiu deixar o país, aproveitando que a mulher Sônia estava indo para Lyon, na França, completar os estudos. Lá, trabalhou como *free-lancer* da revista Manchete, que, na época, segundo ele, “era uma publicação minimamente séria”. Depois de uma divergência com o diretor da sucursal de Paris, decidiu deixar a revista e a França. Entrou em contato com um amigo jornalista que trabalhava em Portugal e, semanas depois, recebeu convite para ser redator de publicidade em Lisboa. Mas não demorou a retornar ao jornalismo. Em 1974, quando estourou a Revolução dos Cravos, na qual esteve envolvido, entrou para um jornal semanal e, em seguida, passou a trabalhar no Diário de Lisboa, indo de repórter a redator e editor de internacional. Ao retornar ao Brasil, em 1979, recebeu diversos convites para trabalhar. Preferiu a Folha da Manhã. Com o fechamento do jornal, trabalhou como redator na Rádio Farrroupilha, “antes que virasse o que virou”. Depois de uns tempos, foi para a Zero Hora, que integrava uma superequipe de reportagem policial. Daí passou a trabalhar na Rádio da Universidade. Em 1991, foi convidado para ser redator no Correio do Povo, sendo em seguida promovido a editor de internacional. Em 1998, pediu licença para tratamento de saúde, mas continuou a trabalhar na Rádio. Em 1997, a UFRGS resolveu voltar a ter seu próprio veículo impresso, o Jornal da Universidade, e a então coordenadora de Comunicação Social, professora Maria Helena Weber, o chamou para organizar o jornal e ser o editor-chefe.

A verdade tem 30 lados

Para os colegas do 3x4, Clóvis relembra o tempo em que Zero Hora resolveu mudar a orientação de sua editoria de polícia, muito ligada aos policiais e à repressão. “Eles eram policialescos, falavam em ‘elemento’, ‘meliante’ – aqueles epítetos clássicos da polícia –, e quanto mais sangue tivesse no jornal, melhor para eles.”

Para liderar a nova equipe, chamaram José Antônio Ribeiro (o Gago), que convidou Wanderley Soares para subeditor e reuniu outros jornalistas experientes. “Só macaco velho. Veio o Ênio Staub, o Luís Alberto Scotto, o Renato Panatieri, o Luís Milman e eu.”

Depois, foram contratados Dedé Ferlauto e Plínio Nunes. Da equipe anterior só ficaram Jorge Waiters e Mário Rotta. E a equipe passou a fazer uma polícia totalmente diferente.

“Víamos o lado social, humanizávamos a coisa. E não nos limitávamos à palavra oficial, tanto que derrubamos vários delegados e influenciávamos na queda de dois chefes de polícia. A gente os colocava no noticiário não como fonte, mas como objeto. Fomos considerados a melhor editoria de polícia do país, entre 1981 e 1984. Vinha gente de fora ver como fazíamos.”

Na entrevista, Clóvis lamenta que jornalistas maduros não tenham mais lugar na grande imprensa. “Aqui no Brasil, não é hábito manter pessoas mais experientes, a menos que estejam a serviço do sistema. E, depois, é mais fácil comandar a cabeça dos jovens.” Ele se orgulhava de ter aprendido com profissionais reconhecidos, como

Celito De Grandi, Floriano Correa, Floriano Soares, João Souza. “O que eles me ensinaram, faculdade nenhuma no mundo ensina.” Ele lembra que naquele tempo havia pelo menos cinco jornais diários em Porto Alegre. E que, depois do fechamento das respectivas edições, o pessoal se reunia nos bares da Salgado Filho e da Marechal Floriano, o Adelaide’s, o Bon Ami, para discutir o que cada um tinha feito. Um ensinava ao outro, e todos se divertiam contando piadas e fazendo gozações. “Dávamos valor às notícias, não éramos burocráticos. Hoje, o jornalismo é muito burocratizado, cada um cumpre

“Jornalista que se preza tem que escrever com clareza”

seu horário na redação e depois vai para casa. Naquela época, a gente lia mais, era mais crítico. Foi quando o jornalismo gaúcho cresceu.”

Clóvis lamenta também que os cursos de jornalismo não ofereçam um bom embasamento de cultura geral. “Isso é fruto das reformas de ensino na ditadura, quando cortaram as disciplinas que ensinavam a pensar, que estimulavam senso crítico. Resulta que essa gurizada não tem força política. Na minha época, secundarista tinha força; hoje, nem universitário tem.”

Na entrevista aos repórteres do 3x4, Clóvis afirmava sua opção política pelo Partido dos Trabalhadores. “Essa história de isenção jornalística é muito cômoda, é querer se colocar acima do bem e do mal. A verdade tem 30 lados, mas tu não tens espaço para colocar tudo isso. Posso fazer uma matéria canalha usando os dois lados e contribuindo para confundir o leitor.”



Clóvis aos 32 anos, em foto tirada para renovar o passaporte em 1986

ARQUIVO PESSOAL

Paulo Tigre: “Gosto de enfrentar desafios”

Indústria Presidente da Fiergs se orgulha de ser engenheiro e de lidar bem com situações de emergência

Ademar Vargas de Freitas

Na infância e na adolescência, ele morou na Rua Riachuelo, junto à Praça da Matriz, pertinho da Rua da Praia, que era o *shopping* da cidade, com lojas, cinemas, desfile de mulheres bonitas e elegantes, e o sanduíche de pernil do Matheus. Até a década de 60, Porto Alegre era tão tranqüila que se podia andar a pé pelo Centro às quatro da manhã em absoluta segurança. As praças eram bem cuidadas, e a gurizada exercitava as pernas, batendo bola e, eventualmente, fugindo do guarda civil. Afora isso, a diversão era ir ao cinema nas tardes de domingo ou freqüentar o Estádio dos Eucaliptos.

Paulo Gilberto Fernandes Tigre nasceu em Vacaria, a 18 de fevereiro de 1940, filho de Rui e Maria Tigre, que tiveram mais dois filhos, Clóvis e Sílvia. Um ano depois, a família veio morar em Porto Alegre, onde ele estudou em colégios da rede pública. Fez o primário no Grupo Escolar Paula Soares e tirou o ginásio e o científico no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Quando concluiu o ensino médio, em 1958, a indústria automobilística brasileira estava começando, o que despertou o interesse dos estudantes: o curso de Engenharia Mecânica da UFRGS, em que Paulo se formou, teve inicialmente 120 alunos.

Bailes da reitoria – Paulo freqüentou os bailes da Reitoria, que davam aos estudantes condições de participar socialmente da vida universitária. Tinha também os bailes dos bixos, os bailes de formatura e as reuniões-danças promovidas pelas faculdades quase todos os fins-de-semana. Isso resultou num conagraamento entre estudantes das diversas faculdades, gerando grandes amizades e até casamentos.

Foi o caso de Paulo. Ele estava no terceiro ano de Engenharia Mecânica quando conheceu Carmen, que estudava no primeiro ano do curso de Línguas Neolatinas na Faculdade de Filosofia. “Nos encontramos num baile da Reitoria. Casamos e tivemos quatro filhos: Paulo Marcelo, Antônio Augusto, Ana Maria e Ana Lúcia. E já temos quatro netos.”

Antes de se formar, em 1963, Paulo fez estágio na firma Amadeu



Paulo Tigre, presidente da Fiergs, dirige também o Sesi-RS e o Senai-RS

FLÁVIO DUTRA

Rossi, fábrica de armas de São Leopoldo. Depois de formado, foi trabalhar como gerente de produção na Hermetic do Brasil, fábrica de compressores ligada ao grupo Springer. Nesse período, a economia do Brasil enfrentou forte crise econômica, e a firma não andou bem, estava para fechar.

“Então, resolvemos utilizar o equipamento para fazer um novo produto. Daí nasceu a idéia de produzir direções hidráulicas, o que deu origem à DHB, onde fiz minha carreira profissional”, conta Paulo. Atualmente, ele é diretor da *holding* DHB Indústria e Comércio S/A e do Conselho de Administração da DHB Componentes Automotivos S/A.

Em julho do ano passado, ao ser empossado como presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs) e do Centro das Indústrias do Rio Grande do Sul (Ciergs) – sinalizando sua concepção de trabalho com as palavras liderança, representatividade e desenvolvimento –, Paulo assumiu também as funções de diretor regional do Serviço Social da Indústria (Sesi/

RS) e a presidência do Conselho Regional do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (Senai/RS).

Para quem gosta de enfrentar desafios, como ele, era um prato cheio. “É uma função que representa um desafio e exige grande disciplina. Temos dois trabalhos fantásticos: um é o Senai, que mantém escolas técnicas alto nível em todo o Rio Grande do Sul; o outro é o Sesi, que atende a parte de lazer e saúde do trabalhador.”

Ele louva o trabalho realizado pelo Teatro do Sesi, que traz grandes espetáculos a Porto Alegre. E destaca um trabalho social que aparece menos. “Ao longo do ano passado, com o suporte do Sesi, trouxemos entre 50 mil e 60 mil crianças para visitar o teatro e assistir aos espetáculos.” Temos também um centro de exposições, que pode acolher grandes feiras e eventos, como a Globaltec.”

Paulo chegou ao cargo com grande experiência. Na gestão anterior, havia sido vice-presidente do Sistema Fiergs, coordenando o Conselho de Comércio Exterior (Concex).

E suas atividades associativas incluem o Instituto Gaúcho de Estudos Automotivos (Igea), do qual foi fundador e presidente, e a diretoria regional do Sindicato Nacional dos Fabricantes de Autopeças (Sindi-peças-RS), além da vice-presidência de Controle da Associação Qualidade RS-PGQP.

Segundo Paulo Tigre, uma federação de indústrias, sendo uma entidade com conotações políticas, tem que representar os interesses das empresas como geradoras de valor e de distribuição de renda. E a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul deve promover o desenvolvimento do mundo empresarial. “Se ele anda bem, essa situação se transfere para toda a sociedade, porque a empresa não é só o empresário: é o empresário, é o trabalhador, é o governo.”

Ele diz que a empresa precisa realizar seu trabalho em condições boas e baratas, trazendo desenvolvimento para todos os cidadãos. “Distribuir cesta básica é vergonhoso. Não temos que dar comida, temos que dar emprego para as pessoas.”

DAS PREFERÊNCIAS

“Sou colorado doente. Já fui muito a campo, mas hoje prefiro emprestar minha carteira de sócio do Inter para um neto e ver o jogo pela televisão. Também sou um grande leitor de jornal e um grande ouvinte de rádio AM. Na televisão só vejo futebol e noticiário. Não gosto de ver filmes na TV ou em DVD (minha mulher fica desesperada comigo). Mas gosto de cozinhar. Faço de tudo, me agrada pensar num prato diferente e convidar os amigos.”

COM CAVALOS

“Há mais de 20 anos, meus filhos começaram a praticar hipismo. Montaram durante anos, depois pararam um tempo, mas a filha menor continuou. Antônio e Ana Lúcia foram campeões brasileiros por equipe (ele também foi campeão brasileiro individual), e os filhos deles estão convivendo no ambiente da Hípica, onde tenho grandes amigos. Nunca fui cavaleiro, mas virei ‘paitrocador’ e acabei me tornando ‘cartola’, fui presidente da Hípica e sempre estive envolvido nesse setor.”

DE OLHO NA CHINA

“A China, que tem produtos manufaturados por mão-de-obra quase escrava, também tem produtos de alta tecnologia. A própria IBM vendeu, praticamente, toda a sua fabricação de computadores para a China. E existe uma China que está se educando: há chineses estudando pelo mundo afora. Nas Olimpíadas de 2008, em Pequim, o país quer ter milhões de chineses falando inglês. A China vai mudar a face do mundo, seja pelo consumo, seja pela exportação.”

SEMPRE APRENDENDO

“Me orgulho de ser engenheiro, de ter uma longa vida profissional e de ter chegado à presidência da Fiergs por caminho natural e com o apoio geral. Reconheço que tenho capacidades, mas também tenho autocrítica, gosto de desafios, de fazer as coisas andarem. Na cabeça, me sinto como se tivesse só 40 anos: estou sempre aprendendo, lendo, me informando.”

Um pacto pelo Rio Grande

Paulo afirma que o Rio Grande do Sul tem que se preparar para ter um nível mais alto de economia, agregando mais valor aos nossos produtos. “Nosso agronegócio é forte, nossa economia é boa, mas se olharmos a seca que tivemos em 2005, veremos que não somos mais o celeiro do Brasil.” Ele compara: “Em outras épocas, uma safra gaúcha ruim era um problema que atingia todo o país, mas, hoje, o Brasil tem uma nova agricultura, feita até por gaúchos, que levaram a tecnologia para outros estados brasileiros.

Atualmente, segundo o presidente da Fiergs, o Rio Grande vive um problema estrutural que não vem dos governos mais recentes. E o comprometimento das receitas é tão grande que fica difícil sair. “Já batemos no teto em termos de juros, e a carga tributária é muito pesada. Mas existe, na sociedade, a consciência de que o empresário pode ser o arrecadador do imposto,

mas esse tributo vai para o Estado, que muitas vezes gasta mal ou tem um dinheiro tão marcado em sua arrecadação que não consegue flexibilidade para nada.” Paulo conclui: “É preciso negociar um pacto para sair dessa situação.” Para encontrar uma saída, Paulo confia na garra do povo gaúcho. “Nós temos uma formação mais homogênea; talvez o fato de termos fronteiras nos dê uma idéia de competição maior. Pessoas que vêm ao Estado para participar de eventos se surpreendem ao ver que cantamos o Hino Nacional e o Hino Rio-grandense. A gente conhece a letra e canta com respeito e emoção. Em momentos de crise, ou quando precisamos dar uma arrancada, esse amor à terra, esse espírito de unidade, esse gauchismo, que é gozado pelo Brasil inteiro, nos dá força. A gente tem orgulho de ser gaúcho. Mesmo os descendentes dos imigrantes absorveram essa cultura.”

ARQUIVO PESSOAL



Paulo conheceu Carmen num baile da Reitoria



Flávio Dutra

Local de encontros e despedidas, de saída para projetos de aventuras ou para retornos afetivos, a rodoviária é também lugar de "olhar passageiro". Seja o olhar do viajante, cansado na chegada ou excitado na partida, ou o olhar da cidade, que a vê como mais um "equipamento" ou, às vezes, como mais um "incômodo" instalado no Centro, pouco nos detemos na vida que pulsa ali. Ao contrário do fluxo corrente e constante das chegadas e partidas, uma das características da fotografia é congelar, reter em um instante as ações da vida que são, sempre, também passageiras. Nessa contenção do instante, operada pelo ato fotográfico, se aprofunda o olhar, se reconfigura o espaço. As imagens desta página foram feitas por um grupo de fotógrafos com a intenção de registrar os sentimentos que gravitam em torno da idéia de chegar e partir, características do ambiente da rodoviária. São, também, uma tentativa de reconstruir fotograficamente um lugar que, muitas vezes, é só passagem. Outras imagens, da rodoviária e de outros espaços da cidade, podem ser vistas em www.projetocontato.com.



Mateus Bruxel



Carla Sabra

Estas fotografias fazem parte do Projeto Porto Alegre, que está documentando a cidade com imagens feitas em preto e branco, com filme e câmeras analógicas



Beatriz Firpo

Rodoviária



Marcus Lopes



Tania Minossi



Maria de Fátima de Souza